

V – ANÁLISES E DISCUSSÕES

Este capítulo se ocupa das análises dos dados e da discussão dos entendimentos alcançados. Para tanto, organizei as análises em quatro seções com base nos temas das narrativas, na mesma ordem em que eles aparecem no quadro apresentado no capítulo em que tratei dos procedimentos metodológicos.

Adotando a proposta do método tridimensional, em cada uma das quatro seções, explorarei os três níveis de análise, buscando estabelecer a relação existente entre o contexto social, a ‘cena’ interativa e materialidade textual no evento comunicativo do qual ora me ocupo.

No nível textual, farei a descrição textual dos dados a partir da ocorrência da alternância dos pronomes (eu, nós e a gente) e da presença de marcadores desses pronomes na materialidade textual.

No nível das práticas discursivas, buscarei interpretar a configuração discursiva do texto sob análise com foco em seu processo de produção. Para tanto, faz-se necessário considerar que nenhum texto é produzido em isolamento, mas sim em um contexto específico que contribui fundamentalmente para caracterizar a forma como seu processo de produção é operacionalizado.

Cabe aqui retomar o fato de que o texto que analiso é a materialização dos discursos transcritos dos participantes de uma interação midiática situada em um programa televisivo, especificamente o programa ‘Câmara Ligada’. Tal programa é produzido e transmitido pela TV Câmara, tendo como objetivo principal ser um canal de comunicação entre o parlamento (políticos/deputados federais) com a juventude (jovens entre 15 e 24 anos) a fim de resgatar a confiança desse público-alvo nas instituições governamentais.

Embora produzido para um público específico, é importante observar que todo texto possui potencialmente múltiplos leitores/interlocutores. Apesar de veiculado por uma emissora fechada (TV por assinatura), após sua transmissão o programa ‘Câmara Ligada’ fica disponível em forma de arquivo ‘online’ para toda a rede mundial de computadores através do ‘site’ da Câmara dos Deputados, ampliando exponencialmente seu número de interlocutores e, conseqüentemente, a complexidade de sua distribuição.

Da mesma forma, o próprio formato do programa dá origem a um tipo bastante complexo de interação que se constrói entre entrevistador(a), entrevistado(s), um auditório presente na cena interativa, inúmeros telespectadores, além de outros interlocutores não-ratificados como: pessoas que participam dando depoimentos e opiniões previamente gravados em vídeos e que são exibidos durante o programa, equipe de produção, equipe técnica, músicos que acompanham o artista convidado etc.

No nível das práticas sociais, buscarei explicar como as narrativas podem contribuir para a articulação de estratégias de negociação no espaço midiático, partindo do princípio de que as transformações passam a se tornar possíveis no momento em que estórias que expõem as estruturas sociais e desafiam os limites impostos por relações de poder assimétricas entram em circulação.

Um aspecto relevante da narrativa para este estudo está relacionado ao fato de que contar estórias é um modo através do qual criamos uma realidade social, ao mesmo tempo em que manipulamos e controlamos essa realidade e nossos interlocutores.

Da mesma maneira, é através das estórias que contamos que legitimamos valores, contribuindo para a perpetuação de crenças e formas de organizações sociais ou, por outro lado, através delas avaliamos e rompemos com tais estruturas, abrindo caminho para transformações sociais.

Diante disso, a narração de atos pessoais de resistência por um indivíduo considerado como porta-voz de grupos excluídos em ambiente midiático constitui uma prática social que oferece um material significativo de análise para alcançar os objetivos definidos para este estudo.

Neste contexto, interessou-me, especialmente nas análises das narrativas, lançar meu olhar sobre os aspectos relacionados à sua força de resistência. Mais do que buscar a descrição do ato de contar estória, estou particularmente interessada em, nas estórias, desenvolver o aspecto interpretativo das minhas análises, coerente com os aspectos mais descritivos e explicativos dos níveis textual e das práticas discursivas, respectivamente.

4.1 – Na mídia sem fazer mídia

A relação entre mídia e transformação social é considerada um assunto polêmico em diversas esferas dedicadas à compreensão do papel desempenhado pela mídia na sociedade contemporânea, (Bourdieu, 2000; Inglis, 2001; Gomes, 1999). Dado o seu estreito relacionamento com os meios de comunicação e sua constante presença em programas de rádio e televisão, bem como na mídia impressa, MV Bill tem se tornado alvo de críticas, por um lado, mas também tem sido citado como exemplo de como é possível articular o espaço e a visibilidade disponibilizados pela mídia para dar voz aos excluídos e silenciados.

A fim de ilustrar esta polêmica gerada pela relação entre MV Bill e a mídia, passo a relatar uma experiência pessoal em que pude constatar diferentes opiniões em um grupo de pessoas apreciadoras do Hip-Hop e admiradoras do *rapper* MV Bill. Como membro de uma comunidade virtual (localizada no endereço virtual <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=126047>) dedicada a MV Bill, decidi fazer uma provocação aos demais membros dessa comunidade (aficionados por MV Bill em sua grande maioria) colocando em pauta de discussão a participação de MV Bill na vinheta de Natal da Rede Globo de Televisão. Além da minha postagem em que expressei minha opinião, apresento abaixo a resposta de alguns participantes da comunidade (as citações abaixo são uma reprodução fiel – escrita; abreviações etc. – da forma como as postagens foram feitas na comunidade virtual) para ilustrar minha colocação anterior sobre a polêmica relação de MV Bill com a mídia.

*Renata

Beleza!!

Ocupação do espaço midiático é estratégia de resistência sim...ainda mais em um momento histórico em q falamos/interagimos mais com telas e teclas do q com gente. Acho q Bill é um sábio articulador do instrumental do chamado "Novo Protesto" q não pode mais ignorar a fundamental importância dos meios q a mídia disponibiliza para a divulgação da agenda dos movimentos sociais pela transformação de condições de exclusão e desigualdade. Sinceramente, admiro a forma com o MV Bill articula e administra sua relação com a mídia. Porém...posso até provocar polêmica aqui...mas tenho q admitir q não acreditei quando vi MV Bill abrindo a famosa vinheta de "Feliz Natal"..."Feliz 2010"...."hj a festa é sua, hj a festa é nossa" da Rede Globo. DESNECESSÁRIO. Tentem me convencer do contrário...gostaria muito de continuar admirando o Bill!!

Lucas

até achei estranho ele aparecer na chamada de ano novo da Globo...

mas se formos analisar, o maior meio de comunicação é a tv, e a Globo domina tudo nessa área.

Se ele queria atingir o Brasil inteiro e fazer o povo se lembrar que apesar da beleza de tudo que a tv exhibe, existe um mundo que eles não mostram. Não só a CDD mas todas as outras favelas(ou comunidades como prefiram) que sofrem com o esquecimento do poder público.

Ele fez muito certo!

reparem que na música "só deus pode me julgar" que ele cantou no Faustão, um trecho mete o pau na globo, das novelas que mostram os pretos apanhando como escravos, que não existem paquitas negras e tal...Ele não quis nem saber cantou mesmo e não deixou o apresentador interrompe-lo na sua missão de mensageiro da verdade!

E aparecendo nas chamadas de ano novo, ele só reforça o fato de querer mostrar a favela pra todos!

Isso aí Bill, continua assim mesmo!

"vai ser preciso muito mais pra mim fazer recuar, minha auto-estima não é fácil de abaixar"

Willian

affff de novo não ...

monte de gente aki critica o bill e a globo

mas não para de assistir ela..

monte de gente fala do rap nao se vender pra mídia...

mas escuta vários *rapper* americano(tupac, jayz, eminem, dr dre, snoop dog,

50 cent entre inúmeros outros),e apóia os cara,

e lá podemos dizer q se vender eh pouco, eles venderam a alma tbm pra mídia rs...

(a impressão q da kkk)

mtto contraditório o povo daki

Slip

O problema do Bill é que ele é um falso-pseudointelectualóide.

Ou seja, ele tenta se fazer de pseudointelectual, mas nem isso ele consegue.

Ele fala demais do que não sabe.

Jimmy Urso Polar

certíssima sua opinião, Renata. Perdoe a minha falta de compreensão da primeira vez, mais tipo esse lance de criticar nem vale comentar, liberdade de expressão a gente tem direito de se expressar!!!

espero q MV naum se corrompa em meio a mídia, pra mim ele é a voz da periferia, e naum só dela, tbm de todos os esquecidos do sistema.....boto muita fé no bill mais se trair uma vez ja era!!!!

Esta mesma polêmica está refletida nas perguntas sobre a presença de MV Bill no espaço midiático feitas durante o programa e na recorrência do assunto que muitas vezes não trata diretamente da relação pessoal do MV Bill com a mídia, mas surge em sua fala ao discorrer sobre os efeitos dos projetos sociais que envolvem o domínio da linguagem cinematográfica e o uso de diferentes meios midiáticos por parte da população assistida por esses projetos, bem como ao falar sobre o papel de videoclipes musicais, documentários e registros de diversas naturezas na divulgação do seu trabalho artístico e na denúncia dos problemas que afligem os grupos de cidadãos menos favorecidos em nossa sociedade.

O tema sobre a mídia, que denominei de ‘**Na mídia sem fazer mídia**’, ocorre com narrativas encaixadas em seis momentos assim distribuídos: dois no primeiro bloco, três no segundo bloco e um no último (quarto) bloco do programa. Analisarei cada um deles por ordem de ocorrência, utilizando os títulos previamente escolhidos.

4.1.1 – Da música para a fama

A narrativa que passarei a analisar aparece encaixada na reposta dada por MV Bill à primeira pergunta feita pela apresentadora no início do programa. A pergunta é feita após a apresentação de MV Bill e sua banda, seguida da exibição de um vídeo biográfico em que o próprio MV Bill aparece falando de suas experiências pessoais. Em seguida, a apresentadora abre oficialmente o programa fazendo uma pergunta direta ao entrevistado.

- Entrevistadora: 45 Bill, você fez uma pesquisa enorme pelo país todo que:
46 gerou...o Cabeça de Porco,...né? seu livro já vendeu mais de
47 quarenta mil cópias, certo?... Fal-cão...
- MV Bill: 48 [°esse em parceria com Luís
49 Eduardo Soares°
- Entrevistadora: 50 [isso, Luís
51 Eduardo Soares, esse aqui com Celso Athaíde, Falcão
52 meninos do tráfico, e o documentário.>conta pra gente como
53 foi a pesquisa<.

No contexto interacional, a pergunta de abertura formulada pela apresentadora já se mostra particularmente interessante, pois ela finaliza seu segundo turno (linha 50-53), pedido explicitamente que MV Bill conte uma estória (52-53). Ao complementar a informação dada pela entrevistadora com o nome do seu parceiro na autoria do livro que está sendo mostrado (linha 48), MV Bill colabora para a atmosfera descontraída e informal do programa.

- MV Bill: 54 é: na realidade, tem muita gente que acha que: eu comecei...
55 fazendo documentário depois utilizei a fama do documentário
56 pra fazer música, e o contrário. **tudo começou** através da
57 música, e não qualquer música, o hip hop, que é um: tipo de
58 música bem específico. que é: quase um movimento: muito
59 mais do que musical. e: eu...>quando eu conheci o hip hop no
60 final da década de oitenta<, ele tinha muito da coisa da
61 música da consciência, da informação. então eu fui obrigado
62 também a buscar esse tipo de informação pra enriquecer
63 minha música. eu passei a utilizar o hip hop como ferramenta
64 de trabalho, como ferramenta de transformação.
65 logo...comecei a...a RETRATAR. a realidade que eu vejo, que
66 vivo, >que moro na Cidade de Deus ainda até hoje<. e colocar
67 isso dentro da minha música. isso fez com que ela ficasse:
68 mais encorpada, fez com que a gente conseguisse atingir mais
69 pessoas, e o: a linguagem do audiovisual,...foi muito bom
70 trabalhar com ela porque a gente conseguiu: dar...mais...voz,
71 e fazer as pessoas compreenderem melhor o que aquela
72 música queria dizer. e com o documentário, que foi...acho
73 que: o divisor de águas na minha vida,...é: a gente
74 conseguiu...mostrar que aquela realidade que a gente cantava
75 inicialmente nas letras, não era uma coisa isolada do Rio de
76 Janeiro. que de forma trágica era divida com o resto do Brasil.
77 acho que ele não surgiu de uma idéia, mas sim de uma grande
78 necessidade.

A resposta dada à pergunta da entrevistadora parece estar diretamente relacionada com a pequena intervenção de MV Bill no momento em que a pergunta estava sendo feita. É nessa intervenção que MV Bill começa a apresentar sua preocupação em ratificar as parcerias nos trabalhos literários e cinematográficos, buscando, ao mesmo tempo, reforçar sua atuação como *rapper* / músico.

Da linha 54 a 56, MV Bill faz uma orientação para a narrativa que virá em seguida e, ao usar a expressão ‘tem muita gente que acha’ (linha 54) generaliza o equívoco em relação a sua carreira, minimizando o possível efeito das palavras da entrevistadora de supervalorização da sua atuação como escritor e cineasta em detrimento do trabalho desenvolvido como *rapper* através do Hip Hop. No contexto imediato da interação, MV Bill parece estar interessado em dar mais destaque ao seu traço identitário de *rapper*, se construindo como coadjuvante nas investidas cinematográficas e literárias. A imagem combativa e rebelde de *rapper* ganha realce neste momento da interação. O intercâmbio da evidência de traços identitários marca o processo de construção de identidade de MV Bill, contribuindo para a compreensão do dinamismo que caracteriza tal processo e sinalizando, ao mesmo tempo, as posições ideológicas, muitas vezes contraditórias, assumidas pelo sujeito falante.

No nível textual, as alternâncias pronominais são também sinalizadoras dessa preocupação por parte do MV Bill, na medida em que é possível observar a ocorrência significativa do pronome ‘eu’, bem como da marcação do pronome ‘eu’ em outros pronomes e desinências verbais, em todo o trecho de sua fala em que se refere a sua estória com a música (da linha 56 a 67): ‘quando **eu** conheci o hip hop’ (linha 59); ‘então **eu** fui obrigado também a buscar esse tipo de informação’ (linhas 61-62); ‘**eu** passei a utilizar o hip hop como ferramenta (linha 63); ‘logo comece**ei** a retratar a realidade que **eu** vejo’ (linha 65); ‘que vivo, que moro na Cidade de Deus até hoje e colocar isso dentro da **minha** música’ (linhas 65-67). Por outro lado, ao falar dos trabalhos desenvolvidos em outras vertentes (os registros audiovisuais, os livros), MV Bill passa a usar a expressão ‘a gente’, apontando a parceria com outros, coletivizando a autoria e compartilhando a responsabilidade pelo trabalho realizado, conforme podemos observar em trechos como: ‘**a gente** conseguiu dar mais voz e fazer as pessoas compreenderem

melhor’ (linhas 70-71); ‘**a gente** conseguiu mostrar que aquela realidade que **a gente** cantava inicialmente nas letras, não era uma coisa isolada do Rio de Janeiro (linhas 73-76). A alternância dos pronomes corrobora a observação de que o traço identitário de *rapper* está sendo destacado na abertura do evento comunicativo sem, no entanto, obscurecer por completo os demais – de cineasta; produtor de documentário. É na materialidade discursiva que esses traços identitários convivem e se revezam na construção situada do sujeito.

No nível das práticas discursivas, são as alternâncias pronominais que apontam para o dinamismo do intercâmbio de papéis desempenhados pelo falante no ‘formato de produção’ da interação. Ao alternar o ‘eu’ pela expressão ‘a gente’, MV Bill expande seu papel de responsável pelo que está sendo dito, trazendo em sua voz também a voz de todos os seus parceiros e co-autores dos trabalhos a que se refere. Ao coletivizar as ações, MV Bill compartilha também as opiniões e argumentos apresentados. Considerar que trabalhar com a linguagem audiovisual foi importante para dar voz e fazer com que as pessoas compreendessem melhor o que a música queria dizer, deixa de ser opinião apenas do MV Bill, passando a ser também a opinião de todos os outros que foram colocados na cena interativa pela expressão ‘a gente’ (parceiros, co-autores, outros *rappers* etc.).

O macro-enquadre de entrevista se articula com outros enquadres durante a interação, sinalizando diferentes alinhamentos entre os interactantes. É o que ocorre, por exemplo, a partir da expressão ‘tudo começou’ (linha 56) que sinaliza para a articulação do enquadre narrativo com o enquadre de entrevista. Em toda a estrutura de participação há uma preparação para ouvir e contar uma estória, provocando uma mudança na dinâmica da sequência de turnos e também uma rearticulação momentânea dos alinhamentos entre os interlocutores do entrevistado (inclusive os telespectadores).

É interessante observar que, apesar da pergunta da entrevistadora estar relacionada às pesquisas feitas como preparação para escrever o livro e para filmar o documentário, ambos intitulados ‘Falcão, meninos do tráfico’, a resposta dada por MV Bill demonstra uma preocupação maior em esclarecer a forma como se deu sua participação nesses trabalhos e, ao mesmo tempo, marcar o hip hop como seu espaço legítimo de atuação pessoal e profissional (linha 54-57).

MV Bill passa a contar, então, como se deu sua trajetória artística e pessoal através da música e do movimento hip hop. Nas linhas 58 a 64, ele apresenta a música do movimento hip hop (*rap*) como música de consciência e informação e fala da necessidade que sentiu de buscar conhecimento para ‘enriquecer’ o seu trabalho artístico.

Ao analisar o processo de construção de identidade na narrativa no nível das práticas sociais, podemos observar que ao contar sua experiência de vida em sua resposta, MV Bill se constrói como alguém com capacidade de agenciamento, que rompe os limites impostos por sua condição social, buscando por si mesmo o acesso ao conhecimento que o permite fazer de sua música uma ‘ferramenta de trabalho e de transformação’(linhas 64-65). De posse dessa ferramenta, MV Bill relata que passou a ‘retratar’ a realidade que vê (linha 65). Ao trazer a informação que ‘mora, que ‘vive’ na Cidade de Deus (CDD – bairro carioca de periferia, marcado pela violência e pelas falta de assistência de políticas públicas), MV Bill se posiciona identitariamente como favelado / morador da periferia e, com isso, ‘retratar’ passa a ter sentido de denúncia, mas não uma denúncia qualquer - uma denúncia feita por alguém (MV Bill) que vive, que mora naquele lugar.

Ao afirmar que a busca pelo conhecimento e a realidade retratada tornaram sua música mais ‘encorpada’ (linha 68), fazendo com que seu trabalho artístico pudesse atingir um maior número de pessoas, MV Bill traz à superfície um comportamento social de (des)valorização do indivíduo pelo seu nível de conhecimento e competência lingüística , pouco discutido como forma de preconceito em nossa sociedade, mas que se faz presente em inúmeras situações cotidianas. Sem dúvida, a capacidade de articulação de pensamento, o senso crítico e compreensão da complexidade que caracteriza os fenômenos sociais fizeram com que MV Bill ‘conseguisse atingir mais pessoas’ (linhas 68-69) a ponto de ser convidado para parcerias em livros e documentários.

Esta primeira narrativa está encaixada em um argumento que tem como base uma tese que será defendida por MV Bill ao longo de todo o programa ao tratar da relação dos movimentos sociais em geral, e dele em particular, com a mídia: os meios que a mídia disponibiliza devem ser utilizados como forma de divulgação; ‘para dar voz e fazer as pessoas compreenderem melhor’ (linhas 70-71) essas vozes dissonantes. A força dessa tese minimiza no discurso de MV Bill

os possíveis aspectos negativos dessa relação com a mídia e ecoa nas vozes de seus admiradores, adeptos e seguidores como é possível constatar nas postagens da comunidade virtual que disponibilizei no início desta análise.

Em sua fala, MV Bill dá destaque a sua atuação como *rapper*, aparentemente obscurecida na pergunta feita pelo destaque dado ao documentário e ao livro, e passa a falar do documentário para fechar seu turno em coerência com o da entrevistadora. A metáfora bíblica (‘o divisor de águas na minha vida’ – linha 73) usada para avaliar a importância do documentário em sua trajetória pessoal, reforça a tese da importância do contato com o desconhecido, do direito à informação e da transformação que esse conhecimento pode proporcionar às pessoas – é preciso divulgar, é preciso falar, é preciso denunciar – e isso não é uma ideia, ‘mas sim uma grande necessidade.’ (linha 78) Esse discurso aparentemente denunciativo contribui, assim, para a construção de uma imagem de enfrentamento do próprio aparelho midiático que o falante ocupa. Nessa arena em que se transforma o lócus da gravação do programa televisivo, a relação aparentemente antagônica entre o entrevistado e a mídia é sutilmente problematizada em sua fala na medida em que a necessidade de divulgação e denúncia é constantemente referenciada como que para justificar sua presença na grande mídia.

4.1.2 – Na pauta da mídia

Como elos que se encadeiam para formar correntes, perguntas e respostas, por mais que tenham passado por um processo de formulação prévia, vão se construindo na interação. Mesmo em programas televisivos, em que o grau de controle e planejamento é bastante rígido e o tempo é cronometrado segundo a segundo, e apesar da discussão e determinação prévia das pautas, como em qualquer interação, ocorrem imprevistos e situações que muitas vezes exigem uma reorganização dessa pautas. Como veremos abaixo, a pergunta da apresentadora é produzida a partir da resposta dada por MV Bill à pergunta anterior em que ele revela a descoberta feita durante a filmagem do documentário ‘Falcão, meninos do tráfico’ de que a violência é um fenômeno social comum às mais diferentes regiões do país, e não uma característica exclusiva da cidade do Rio de Janeiro.

Entrevistadora: 79 esse cenário de violência, então, que o Rio de Janeiro vive
80 hoje, você acha que ele está se espalhando pro país todo, esse
81 modelo de massacre da sociedade, tá se espalhando pelo país?

Ao considerar o ‘cenário de violência’ (linha 79) do Rio de Janeiro um ‘modelo de massacre da sociedade’ (linha 81), a apresentadora oferece uma avaliação pessoal das questões relativas à violência nessa metrópole, explicitamente influenciada pelas letras das músicas do MV Bill (algumas já apresentadas no início do programa); pela temática dos livros dos quais ele é co-autor, bem como pelas colocações feitas por ele em sua resposta a pergunta anterior.

MV Bill: 82 na verdade ele já ta espalhado há muito tempo. pra fazer esse
83 documentário, por exemplo, ô só, antes de vir a Brasília,...eu
84 já sabia o que acontecia nas periferias de Brasília. só ouvindo
85 as músicas de rap daqui. no início da década de noventa.
86 então, quando eu ouvia as músicas de rap daqui, acabava
87 sendo o meu norte. eu: “ô lá tem isso, lá tem isso, igualzinho
88 no Rio de Janeiro”, só que não sai na televisão. às vezes,
89 assim, a gente gravando, a gente tava nas regiões do
90 nordeste...no nordeste, onde: esse contraste acaba ficando
91 cada vez mais trágico. a gente tava, assim, em Belém do Pará,
92 por exemplo, no norte. e: na favela em que a gente tava
93 filmando, morria dois, três jovens desse, e depois eu ia pro
94 quarto do hotel, isso nem virava notícia LOCAL,...enquanto
95 no mesmo jornal, ou no jornal seguinte, que ia pro Brasil
96 inteiro, vinha: uma notícia de que teve um tiroteio em
97 Ipanema, sem nenhum: ferido a bala, mas que ganhava cinco
98 minutos. de destaque no jornal, ou seja, uma vida continua
99 sendo mais importante que a outra, uma bala perdida mais
100 importante que a outra, então, quando chega pros pras
101 lugares mais pobres, com menos visibilidade, que tem
102 menos celebridades morando, isso num vira nem notícia,
103 num vira nem estatística.

No processo de co-construção na interação, da mesma forma que a fala de MV Bill co-constrói as perguntas que lhe são feitas, também as avaliações e posturas da entrevistadora participam do processo de produção da fala de MV Bill. Mais do que uma maneira de obter novas informações, a pergunta da apresentadora funciona aqui como um espaço disponibilizado para que MV Bill continue a discorrer sobre a questão que começou a ser contemplada em sua resposta anterior.

No nível da análise textual, as alternâncias pronominais observadas nesta fala de MV Bill corroboram as feitas na análise do trecho anterior. Ou seja, novamente, ao tratar de sua produção musical, da sua estória pessoal no movimento hip hop, MV Bill dá preferência ao uso do ‘eu’ (linhas 83-84, 86, 87), retratando o processo de desenvolvimento de sua habilidade de improviso e composição, bem como de sua compreensão do significado de participar do movimento hip hop – sua identidade de *rapper*. A alternância do pronome ‘eu’ pela expressão ‘a gente’ marca, na linha 89, o início do relato de experiências vivenciadas durante a filmagem do documentário e se mantém em todas as referências específicas a essas experiências (linhas 89-92).

No nível das práticas discursivas, o macro-enquadre de entrevista, marcado na pergunta da entrevistadora, é articulado ao enquadre narrativo, contribuindo para o alinhamento de ouvintes e contador de estória entre MV Bill e seus pares na interação. A estória surge introduzida pela expressão ‘por exemplo, ô só’ (linha 83) que é seguida por um encadeamento de ações (da linha 83 a 85) que oferece a base para a reconstrução da experiência vivida: ainda no Rio de Janeiro, antes de vir para Brasília, MV Bill ouviu músicas de *rappers* brasileiros e, assim, pode perceber as semelhanças entre os problemas enfrentados pelas periferias dessas duas cidades.

No fechamento dessa narrativa, é possível identificar o ponto da narrativa na fala de MV Bill (a violência já está espalhada há muito tempo por todo o país) que, de forma inusitada, se dá na expressão ‘ô lá tem isso, lá tem isso, igualzinho no Rio de Janeiro’ (linhas 87-88) que sinaliza uma segunda articulação de enquadres, apontando para uma situação de auto-reflexão ou monólogo pessoal (falando consigo mesmo), mantendo tanto o enquadre narrativo – é a narração desse momento de reflexão pessoal – quanto o enquadre de entrevista – tudo isso se passa na gravação de um programa televisivo de entrevista. Esse trecho da fala de MV Bill sinaliza a complexidade dos processos interativos, possibilitando-nos observar a dinâmica relação dos enquadres que, ao contrário de se substituírem sucessivamente, articulam-se de forma simultânea. Narrando uma estória pode-se estar, ao mesmo tempo, respondendo a uma pergunta, fazendo uma autoreflexão e mais outras tantas possibilidades de ações constituídas na linguagem.

A expressão ‘só que não sai na televisão’ (linha 88) dá um tom avaliativo à coda da narrativa, ilustrando a afirmação de Labov (1972) de que não há um lugar específico em que se possa identificar a avaliação já que os recursos avaliativos podem ser encontrados por toda a narrativa, orientando os ouvintes sobre como as ações e fatos relatados devem ser interpretados. Na narrativa que ora analiso, esse enunciado avaliativo oferece uma reflexão crítica sobre a escolha das pautas para a agenda dos meios de comunicação, ao mesmo tempo em que acende poderosos refletores de luz sobre o jogo de interesses por trás do que vira manchete e do que é ignorado pela mídia.

MV Bill dá continuidade a sua fala iniciando uma segunda estória, dessa vez mais longa e mais próxima ao modelo tradicional que, por possuir o mesmo ponto da anterior e se encontrar na fala referente à resposta dada por MV Bill a uma mesma pergunta, me pareceu coerente serem analisadas nesta mesma seção.

Esta segunda estória está, portanto, diretamente relacionada à primeira, funcionando, na fala de MV Bill em um plano geral, como um segundo exemplo ilustrativo da idéia que está sendo apresentada: a violência já está espalhada há muito tempo em todo país, só não é divulgada.

Para reforçar seus argumentos, MV Bill faz um deslocamento espacial em relação à orientação da narrativa anterior (linhas 89-93), passando a relatar experiências vivenciadas coletivamente durante as gravações de um documentário em lugares distantes e bastantes distintos do cenário habitual de suas experiências. Apesar de se passarem em lugares distintos, os fatos se repetem de forma absolutamente semelhante e, novamente, nada é falado ou divulgado pelos meios de comunicação (linhas 92-94).

O fechamento dessa narrativa se dá com uma crítica ao processo de decisão na elaboração da agenda e da pauta midiática. Ao relatar que ao assistir as notícias no telejornal local nada era noticiado sobre as mortes ocorridas na comunidade em que estavam gravando o documentário naquele dia em Belém do Pará, mas que um tiroteio sem vítimas ocorrido em bairro nobre da cidade do Rio de Janeiro era divulgado com espaço significativo de tempo em telejornais de âmbito nacional (93-98), MV Bill fragiliza a credibilidade dos meios de comunicação, expõe novamente o jogo de interesses e a disputa de poder que faz da mídia sua arena e, dessa forma, situa a mídia como co-responsável pela

perpetuação e agravamento da violência nos centros urbanos através do apagamento desses acontecimentos à medida que não são divulgados.

Diante de acusações explícitas e implícitas relativas à mídia e da denúncia de fatos que a minoria dominante parece preferir que sejam ignorados, como pode MV Bill ser tão disputado pelos diferentes meios e canais de comunicação? De que forma esse espaço na mídia está sendo negociado?

Em busca de uma resposta para estas perguntas, encontrei o conceito de ‘hostilidade razoável’ desenvolvido por Tracy (2008) a partir de uma perspectiva pós-moderna e de uma abordagem de base contextual da teoria da polidez de Brown e Levinson (1987 [1978]). A autora considera como ‘hostilidade razoável’ certos atos hostis (denúncias, acusações, críticas etc.) considerados legítimos e até desejáveis em determinados contextos institucionais. Mais que isso, a autora considera a ‘hostilidade razoável’ essencial para a construção e manutenção de uma atmosfera democrática na interação e, nesse sentido, afirma que:

Se é para que a democracia ordinária floresça, não apenas as expressões hostis devem ser aceitas, mas os efeitos positivos por elas provocados devem ser reconhecidos. Através do tempo e em diferentes ocasiões, os que detêm o poder necessitam estabelecer o diálogo e sentir a hostilidade dos demais. Em contextos em que as pessoas possuem interesses em parte comuns e em parte conflitantes, um sem o outro é provavelmente um sinal de sérios problemas. (Tracy, 2008, 188 p.)

Dessa forma, as críticas e denúncias apresentadas nas avaliações das narrativas de MV Bill operam em uma via de mão dupla para todas as partes envolvidas: tanto para quem denuncia e critica como para quem é denunciado e criticado. Criticar os meios de comunicação no próprio ambiente midiático pode provocar a impressão de estar manipulando o espaço midiático mantendo, assim, seu compromisso com a denúncia e a transformação social, mesmo correndo o risco de perder tal espaço. Para os que recebem a crítica, no caso os meios de comunicação, vale a pena ser criticado se o objetivo é construir a imagem de um espaço democrático em que essa crítica é permitida – um equilíbrio aparentemente harmônico, porém absolutamente instável.

Neste jogo sutil que observaremos ao longo das análises é preciso ter habilidade para superar os limites e para romper mecanismos de controle,

marcando a capacidade de resistir e transformar – características fundamentais para transitar no campo minado em que as relações de poder se estabelecem.

4.1.3 – O plantio e a colheita

Diferente das narrativas anteriores, a fala de MV Bill é aqui co-construída a partir da pergunta feita por um participante do auditório durante a gravação do programa. Humberto é estudante de direito do Instituto Superior de Brasília e, em sua pergunta, que reproduzo abaixo, levanta a questão da relação entre o papel da imprensa na massificação da violência e na colaboração para o fortalecimento da ‘cultura do medo’ em relação à favela.

Espectador 1: 215 °boa tarde°, meu nome é Humberto, e sou estudante do curso
216 de direito do lesb. eu queria saber de você, MV Bill...com
217 a...com a questão da massificação da da violência que ta
218 espalhada por... todo o Brasil...se hoje pode-se afirmar que
219 o- existe a cultura do medo por parte da imprensa e daí
220 surgiu os preconceitos contra a fave:la, tal, °por aí°?

Vale ressaltar a presença da fala anterior de MV Bill na pergunta do espectador. Ao usar a expressão ‘cultura do medo’ (linha 219), ele traz a voz do próprio MV Bill que usou uma expressão semelhante (‘mito do medo’ – linha 201) na resposta que deu a uma pergunta feita pela entrevistadora momentos antes para abordar o fato de, no início do processo de captação de recursos para os projetos sociais da CUFA, alguns setores da iniciativa privada demonstravam receio de ter seu nome associado a projetos voltado para a população das favelas.

MV Bill: 221 é, acho que essa cultura do medo ela já existe já de muito
222 tempo. acho que com...o aumento da violência, talvez isso
223 esteja crescendo um pouco mais. mas é: a gente fala muito
224 da violência física, °cara°. que eu acho que a violência física
225 acaba sendo:... a conseqüência final de tudo isso. e tem o
226 início lá que é...a que é a violência: de fazer as pessoas
227 morarem nas condições mais precá:rias, de morar nas
228 enç:tas, de não ter o mínimo de dignidade. acho que essa é
229 a maior violência. e deixar essas pessoas morando nesses
230 lugares, dessa maneira, dessa forma... num ba- num dá pra
231 depois tentar ir lá...e querer colher a-mor... dessas pessoas,

232 porque num foi isso que foi plantado. então, com esse
 233 trabalho, social, que muitas organizações vêm fazendo, eu
 234 não sou o único, a Cufa não é a única. existem muitas.
 235 organizações no Rio e fora do Rio de Janeiro trabalhando
 236 com isso. acho que são esses trabalhos...que tão começando
 237 a:...a resgatar essas vidas, que vêm despertando...essas
 238 consciências. temos alguns resultados positivos, temos
 239 alguns números a apresentar, mas ainda precisa fazer mui:to,
 240 mas muito mais, se a gente quiser mesmo...é é diminuir...a
 241 violência...na minha opinião pelo lado certo. eu não
 242 acredito...que essa violência que hoje já está espalhada e
 243 instalada, ela vai ser resolvida com um aparelho policial
 244 mais violento, com mais repressão. porque a polícia não
 245 pode continuar sendo, como é hoje, o único órgão do
 246 governo que vai nesses lugares. é: a gente sabe que falta
 247 muitas coisas...pra chegar nesses lugares...> a polícia não vai
 248 ser a única a levá-la<. precisa fazer o papel dela sim, mas
 249 nesses lugares, o governo, municipal, federal, estadual, tem
 250 que mandar outras coisas. mandar...exército de agentes
 251 sociais, professores bem pagos e estimulados, agentes
 252 sociais, médicos...que são pessoas que vão ajudar...a
 253 diminuir...a pobreza e a distância que tem daqueles lugares
 254 com as coisas boas.

Nesta resposta de MV Bill são poucas alternâncias pronominais. Ao projetar suas opinião e considerações sobre determinados assuntos o ‘eu’ aparece explícito ou marcado em verbos e outros pronomes, porém, o que chama atenção neste momento da fala do MV Bill é o uso diferente do ‘a gente’ se comparado aos identificados até aqui. Se até o momento o ‘a gente’ e o ‘nós’ foram usados para fazer referência a MV Bill e seus parceiros e, em apenas uma ocorrência, para referir-se a MV Bill e as pessoas presentes na cena interativa do programa, nesta sua fala o ‘a gente’ aparece fazendo uma referencia genérica a todos nós, cidadãos, brasileiros e brasileiras que, de alguma forma estamos envolvidos com as questões que estão sendo tratadas e que, por isso, participamos, de forma consciente ou não, dos processos relativos a essas questões. O uso desse ‘nós’ ampliado convoca a todos (interlocutores presentes e potenciais) e produz um efeito de co-responsabilidade pelo que está sendo dito. Concomitantemente, MV Bill, ao ampliar essa posição de sujeito, minimiza sua responsabilidade pessoal em relação ao que diz. O uso do pronome funciona, pois, como estratégia de distanciamento sem que, no entanto, o falante possa ser acusado de total descompromisso com a questão abordada.

Considerando ser o programa uma quase-interação mediada, Thompson (1998), o ‘a gente’ na fala de MV Bill refere-se não somente aos participantes diretos do programa, mas as outras audiências possíveis através da mediação dos meios técnicos de transmissão.

Novamente observa-se, no nível das práticas discursivas, a articulação de enquadres. Desta vez, o enquadre de ‘conversa informal’ se articula com o enquadre de entrevista. No nível textual, o enunciado ‘cara’ (linha 224) e o uso do ‘a gente’ generalizado e não-específico são marcas dessa articulação e sinalizam outro alinhamento além do par entrevistador(a) / entrevistado(a) entre MV Bill e a apresentadora neste trecho da interação.

No nível das práticas sociais, o que considero como narrativa está diretamente relacionado ao ‘a gente’ generalizado, pois as ações relatadas dizem respeito a ações coletivas que ocorrem por omissão, falta de consciência crítica ou improbidade política e que tem como consequência as diferentes formas de violência na sociedade contemporânea. A narrativa, que tem como ponto a origem da violência, começa, pois com a apresentação da primeira ação, ‘fazer as pessoas morarem nas condições mais precárias, de morar nas encostas, de não ter o mínimo de dignidade’ (linhas 226-228). A ação seguinte vem marcada pela expressão ‘depois’ (linha 231) e consiste em ‘tentar ir lá e querer colher amor dessas pessoas’ (linha 231). O primeiro personagem dessa história é esse ‘a gente’ generalizado, ou seja, todos nós que, enquanto cidadãos, contribuimos com atitudes, ou pela ausência delas, para que a condição de miséria se perpetue para alguns co-cidadãos. São personagens dessa história também essas pessoas, também não especificamente identificadas, que sofrem a violência relatada. A não-identificação desses atores tem, no nível das práticas sociais, um efeito semelhante ao da alternância pronominal no nível das práticas textuais. Não identificar de forma explícita esses atores, da mesma forma que acontece com o uso do sujeito ampliado pelo nós/ a gente, evita o conflito direto com determinados setores, instituições, pessoas, porém proporciona a apresentação de denúncias proporcionando, de forma estratégica, um efeito de denúncia e capacidade de enfrentamento na construção do sujeito falante.

O fechamento da narrativa é feito usando o recurso da comparação entre as duas ações relatadas na narrativa e o dito popular ‘o que se colhe, é o que se

planta' o que reforça a idéia de que em se tratando de violência, somos todos, ao mesmo tempo, vítimas e algozes.

Esta narrativa se encontra encaixada em meio a uma série de argumentos e opiniões que sinalizam como MV Bill está construindo a si e aos outros. Mais uma vez, MV Bill destaca em sua fala a importância da iniciativa dos agentes sociais através de seus projetos no resgate a vidas que se perdem em meio à violência e à miséria, bem como na conscientização a cerca das questões relativas à violência urbana. Embora o movimento seja de valorização de todos os que, de alguma forma, estão envolvidos com trabalhos sociais, ao afirmar 'eu não sou o único, a CUFA não é a única, existem muitas organizações no Rio e fora do Rio de Janeiro trabalhando com isso' (linhas 233-236), MV Bill parece dar ainda mais destaque a sua atuação e aos projetos da organização da qual é fundador.

Dois outros aspectos desse momento de interação devem ser contemplados. O primeiro diz respeito ao fato de, embora abordando questões importantes relativas à violência urbana, MV Bill não responde à pergunta feita pelo espectador que questionou a massificação da violência pela mídia como fator que contribui para uma cultura do medo e para o preconceito aos moradores da periferia. Com uma expressão evasiva, 'acho que essa cultura do medo ela já existe já muito tempo. Acho que com o aumento da violência talvez isso esteja crescendo um pouco mais' (linhas 221-223), MV Bill não faz qualquer menção ao papel da mídia nesse contexto e, em seguida, começa a desenvolver sua argumentação sobre a origem da violência. Como já mencionei em outra ocasião, o silenciamento aqui, dado contexto em que a interação se situa, parece uma estratégia de negociação do espaço midiático.

O segundo aspecto que merece ser contemplado está relacionado às denúncias feitas por MV Bill de que a polícia é o único representante do poder público a entrar nas comunidades da periferia (linhas 247-249). Em uma emissora de TV (TV Câmara) que pertence ao Congresso Nacional, MV Bill denuncia que os poderes públicos municipal, estadual e federal precisam mandar para essas comunidades não apenas a polícia, mas agentes sociais, médicos e professores a fim de diminuir o fosso social entre a periferia e as outras áreas da cidade. Lembrando o conceito de hostilidade razoável, Tracy (2008), podemos compreender que para serem consideradas democráticas, é preciso, e até

favorável, que críticas públicas sejam feitas às condutas das instituições governamentais, e esse parece ser um espaço bastante adequado para isso. Por sua vez, MV Bill demonstra, com suas denúncias às políticas públicas na TV do congresso nacional, capacidade de negociar e se articular nesse contexto contraditório, a fim de manter sua identidade de agente de transformação social, porta-voz dos excluídos, Mensageiro da Verdade. O jogo assim parece se equilibrar, dando a impressão de um empate de 1x1.

4.1.4 – Os soldados do morro já não existem mais

A narrativa que passarei a analisar surge já no segundo bloco do programa, mas continua tratando do mesmo tema: a relação da mídia com os movimentos sociais e, em particular, com os trabalhos e projetos propostos por MV Bill. A pergunta formulada pela apresentadora é particularmente interessante, pois questiona especificamente a mudança ocorrida na relação entre MV Bill e a mídia a partir da época do lançamento do seu primeiro videoclipe ‘Soldado do morro’ até o momento de lançamento do documentário ‘Falcão, meninos do tráfico’.

Entrevistadora: 416 o clip do Soldado do morro, essa música que vocês tocaram
417 agora, teve uma repercussão muito ruim. você foi acusado
418 de apologia ao tráfico, e tudo. é: alguns anos depois, você
419 lança: Falcão, o menino do tráfico...os meninos do tráfico e
420 é...ovacionado. Fantástico, na Rede Globo. o que que
421 aconteceu do lançamento (2,0) do..do clip pro documentário,
422 sendo que você tava mostrando a mesma realidade, com os
423 mesmos personagens. o que que mudou?

O questionamento implícito sobre as razões que levaram a uma mudança radical da forma como MV Bill é tratado pela mídia e pelo público em geral provoca a elaboração de uma resposta cuidadosa e, novamente, enriquecida por narrativas que funcionam como base estratégica para argumentos e legitimam as ações e posturas defendidas e assumidas.

MV Bill: 424 olha é: a sua pergunta é sensacional porque: o documen-
425 o...Soldado do morro, especificamente, acho que: foi >o que
426 deu início a tudo< foi a primeira música que nós pegamos, e
427 fomos...fazer esse vídeo clip do nosso jeito. nós levamos a
428 idéia pra gravadora, a gravadora não quis abraçar. mas

429 deixou o setor <jurídico> a nossa disposição, que eles
 430 sabiam que a gente ia precisar...e fomos pras favelas. a gente
 431 não queria pegar atores e dar armas na mão de atores. eu
 432 queria ir no tráfico mesmo, dentro das favelas, como eu já
 433 tinha entrado, por conta dos show que faço, da minha
 434 história, posicionamento, ai fiz isso que eu falei...na resposta
 435 anterior. de conversar e explicar o que eu tava fazendo. o
 436 que me levou...acho que uma das coisas que me levou a:
 437 fazer o documentário, foi quando eu cheguei com o vídeo
 438 clip pronto...nas mesmas favelas pra apresentar. “olha, antes
 439 de passar em qualquer, lugar quero mostrar, pro pessoal”.
 440 quando eu cheguei lá, tipo oitenta por cento...das pessoas
 441 que tinham participado...do Soldado do morro já não
 442 existiam mais. ali eu vi que meu clip era importante, a minha
 443 música também, mas era muito pequeno. diante...da questão
 444 apresentada. ai a gente...descobriu a necessidade de se fazer
 445 muito mais coisas.

No nível textual, as alternâncias pronominais ratificam as observações anteriores de que MV Bill particulariza as ações que estão relacionadas diretamente com sua produção artística e com suas experiências pessoais, coletivizando ações relacionadas à suas parcerias (livro, documentário, videoclipe etc.), bem como materiais artísticos ou de divulgação produzidos a partir de suas músicas.. Nota-se, portanto, que, de uma forma geral, a alternância de expressões com nós, nosso, nossa, a gente (linhas 424-431 e 444) por eu, minha (linhas 431-435; 437-440) e ‘me levou’, ‘acho’ (linha 436) recorrem ao mesmo critério das observadas anteriormente. Porém, a alternância pronominal que acontece da linha 431 para a linha 432 chama mais atenção que as demais observadas nesta fala de MV Bill. A passagem ‘a gente não queria pegar atores e dar armas na mão deles’(linhas 430-431), seguida de ‘eu queria ir no tráfico mesmo, dentro das favelas’ (431-432) não atende especificamente ao critério de particularização e coletivização identificado anteriormente e provoca a oscilação de uma mesma ação entre particular e coletiva. Essa oscilação parece sinalizar que a forma como fazer o videoclipe era um desejo pessoal de MV Bill.

É importante observar que a alternância pronominal aponta para dinâmicas interessantes no nível das práticas discursivas, mais especificamente no formato de produção da interação. Ao relatar os fatos ocorridos quando da decisão de gravar o videoclipe de sua música ‘Soldados do morro’, o uso do ‘nós’ e do ‘a gente’ direciona para certo entendimento da relação entre MV Bill e a sua

gravadora. A responsabilidade pela idéia do videoclipe compartilhada entre MV Bill e ‘outros’ diminui o efeito de rejeição direta a uma sugestão dele por parte da gravadora (linhas 427-428). Além disso, disponibilizar a informação de que ‘a gravadora não quis abraçar’ a idéia (linha 428), ‘mas deixou o setor jurídico à disposição’ (linha 429) busca minimizar o receio de comprometimento por parte da gravadora de se envolver com um projeto que, no futuro, se mostrou bem sucedido e lhe rendeu excelentes lucros.

No mesmo trecho, o enunciado ‘que eles sabiam que a gente ia precisar’ (linhas 429-430) apontam, no nível das práticas sociais, para uma consciência de estar desafiando a ordem estabelecida e, conseqüentemente, estar ultrapassando os limites impostos pelos mecanismos de controle social. Ao abordar as narrativas de resistência no processo de narrativização das estruturas sociais, Edwick e Silbey afirmam que:

A resistência envolve a consciência de ser menos poderoso em uma relação de poder. Ao contrário do que acontece em grande parte das ações sociais em que a invocação de esquemas de interpretação e a mobilização de recursos são implícitas e, na maioria das vezes, inconscientes, as práticas de resistências podem ser identificadas pela autoconsciência do ator, por uma compreensão particular de si e do outro e de estar se posicionando contra algo ou alguém. Edwick e Silbey, 2003, 1336 p.)

Dessa forma, o que temos, aqui, na fala de MV Bill são atos de resistência narrativizados e que, por se tratarem de narrativas encaixadas em argumentos, articulam de forma bastante dinâmica o macro-enquadre de entrevista com o enquadre de narração de estória. É possível observar essa articulação na sequência de ações cronologicamente organizadas a partir da linha 426. Instigado pela pergunta provocadora da entrevistadora, MV Bill busca justificar a necessidade de fazer um documentário depois de ter gravado o videoclipe (ponto da narrativa), destacando a relação entre esses dois trabalhos. A ação complicadora materializada no enunciado ‘eu cheguei lá, tipo oitenta por cento das pessoas que tinham participado do Soldado do morro já não existiam mais’ (linhas 440-442) parece resolver a questão abordada, justificando a necessidade de fazer um documentário. O fim da narrativa – fechamento da resposta de MV Bill – se dá com uma avaliação na passagem ‘vi que meu clip era importante, a minha música também, mas era muito pequeno diante da questão apresentada’ (linhas 442-444),

seguida pela coda ‘ai a gente descobriu a necessidade de se fazer muito mais coisa’ (linhas 444-445). A resposta atende aos propósitos do MV Bill – justificar a importância do documentário e marcar a conexão entre ele e o videoclipe – mas não parece responder a pergunta feita pela entrevistadora: afinal, se o documentário foi gerado a partir do videoclipe e é na verdade uma ampliação da problemática nele retratada, por que agora ele é ovacionado e convidado pela produção do programa televisivo ‘Fantástico’, transmitido pela Rede Globo, para falar do documentário, se na época do videoclipe a repercussão foi ruim e resultou em uma acusação de apologia ao crime?

4.1.5 – Entre o crime e a arte

O trecho da entrevista que aqui analisarei está na sequência do analisado na seção anterior e reforça a ideia de que a pergunta feita pela entrevistadora não foi respondida, posto que a ela retoma a questão, referindo-se à acusação sofrida por MV Bill quando da ocasião do lançamento do seu videoclipe, o que gera a seguinte interação:

- Entrevistadora: 446 você ainda tá respondendo ao processo, de apologia ao
447 crime?
- MV Bill: 448 [sim. (xxx) ouvi (xxx)
449 dizer no final do ano passado que parece...que tinha sido
450 arquivado. mas num sei como é que tá...num sei como é que
451 tá essa questão não.
- Entrevistadora: 452 [(risos) espera que sim, né?

A transcrição da fala de MV Bill ao responder à pergunta dá sinais de certo desconforto e hesitação. Sua fala é marcada por evasivas; ‘ouvi dizer’ (linhas 448-449); parece que (linha 450) e a repetição da expressão ‘não sei como é que tá’ (linhas 450-451) demonstrando seu interesse em encerrar a discussão sobre o tema que está sendo tratado.

A entrevistadora busca amenizar o desconforto demonstrado pelo entrevistado articulando o enquadre de entrevista com um enquadre de ‘conversa íntima-informal’ com risos e uma pergunta retórica (linha 452). Em seguida, MV

Bill toma o turno para complementar a resposta anterior, dando a impressão de que o trecho da interação que analisei anteriormente não havia acontecido.

MV Bill: 453 pra quem acha...que o...Falcão e o Soldado do morro são
 454 coisas diferente, é: tá redondamente enganado. é o
 455 mesmo...material, é o mesmo trabalho. Aliás, foi um que
 456 puxou: puxou o bonde pro outro. então, são todos trabalhos
 457 todos conectados. o que fez a diferença...foi quando eu tava
 458 sendo apo- acusado de apologia do crime...eu sabia que era
 459 uma acusação...recheada de preconceitos, de racismo.
 460 porque uma pessoa: de uma classe social diferente, outra cor
 461 de pele, fizesse um vídeo clip como Soldado do morro,
 462 aquilo deixaria de ser crime...e se transformaria em arte. daí
 463 eu fui pras mesmas emissoras que tavão me criticando na
 464 época...e disse que iria continuar. não em tom...desafiador de
 465 quem tem peito de aço, porque eu não tenho. mas no tom de
 466 quem não deve nada a ninguém. de quem não tá cometendo
 467 crime nenhum e só quer trazer mais uma contribuição
 468 importante a esse assunto.

No nível textual, observa-se que, neste trecho, não há alternância pronominal. Fazendo uso apenas o pronome ‘eu’, a fala de MV Bill é marcada pelo tom de autodefesa. Consequentemente, no nível das práticas discursivas, MV Bill soma os papéis de responsável, autor e animador em relação ao que está sendo dito e, estrategicamente, direciona o que fala, não para alguém específico, mas para todos aqueles que acham que o videoclipe ‘Soldado do morro’ não tem nenhuma relação com o documentário ‘Falcão, meninos do tráfico’, o que justificaria a mudança do tratamento dispensado a ele.

A ausência de alternância de pronomes neste trecho não diminui, contudo, a complexidade do jogo dos sujeitos na interação. A definição do sujeito falante pelo pronome ‘eu’ é contrastada com a difusão dos sujeitos a quem o falante se refere. Essa estratégia de dispersão na referência ao outro possibilita a acusação e a denúncia sem um alvo específico. Tantos e ninguém, ao mesmo tempo, estão possivelmente incluídos no grupo dos que aparecem como alvo do que é denunciado, o que, como outras estratégias apresentadas anteriormente, funcionam, ao mesmo tempo, como arma de ataque e escudo de defesa na fala de MV Bill.

A narrativa surge a partir do enunciado ‘foi quando eu tava sendo acusado de apologia ao crime’ (linhas 457-458), orientando a estória que se inicia. As ações subseqüente e cronologicamente organizadas surgem a partir da linha 462:

‘daí fui pras mesmas emissoras’ (462-463); ‘e disse que iria continuar’ (linha 464). O fim da narrativa coincide com o fechamento do turno de MV Bill e é marcado por avaliações das ações relatadas, reforçando a identidade de porta-voz das minorias excluídas que MV Bill constrói como destemido (‘e disse que iria continuar – linha 464), porém cauteloso (‘não em tom desafiador de quem tem peito de aço – linhas 464-465) e inocente (‘mas no tom de quem não está cometendo crime nenhum – linhas 465-466).

Ao oferecer uma possibilidade de compreensão para o fato de ter sido acusado de apologia ao crime durante o lançamento e divulgação do videoclipe de sua música (linhas 458-462), MV Bill demonstra ter consciência (‘eu sabia’ – linha 458) de que o preconceito é uma das formas de controle social (‘era uma acusação recheada de preconceito, de racismo’ – linhas 459-460) que, muitas vezes, surge como reação a uma tentativa de desestabilizar o poder hegemônico e, conseqüentemente, a ideologia dominante que lhe dá suporte. A expressão ‘porque uma pessoa de uma classe social diferente, outra cor de pele, fizesse um videoclipe como Soldado do morro, aquilo deixaria de ser crime e se transformaria em arte’ (linhas 460-462), além da consciência de como funcionam os mecanismos de controle social, revela também a consciência de estar praticando atos de resistência, sem os quais narrar tais atos não faria o menor sentido. Nas palavras de MV Bill podemos observar a naturalização de uma ideologia que fundamenta o preconceito racial em nossa sociedade. Lançando mão dessas ideias incorporadas, MV Bill procura justificar as acusações que sofreu quando do lançamento do seu videoclipe e, ao mesmo tempo, constrói para si a imagem de alguém que enfrenta preconceitos e acusações injustas para defender uma causa que acredita. Essa imagem construída em seu discurso, da mesma forma que acontece na interação que aqui me ocupo, é recorrente na maioria de suas aparições na mídia e também opera como uma estratégia de negociação no espaço midiático, na medida em que essa estratégia justifica sua aparição na mídia enfraquecendo as alegações de autopromoção.

Considerando-se que, como já vimos anteriormente, sua identidade de *rapper* é, a todo o momento, realçada em detrimento dos demais feixes identitários, uma oportunidade de promoção é sempre bem-vinda para quem faz parte do ‘show business’.

4.1.6 – ‘Kate Marrone’ na Cidade de Deus

Diferente da forma como ocorreu nos trechos analisados até aqui, a pergunta que participa da co-construção da narrativa que analisarei nesta seção é feita, não apenas para o MV Bill, mas também para a deputada federal Marina Maggesi que, a partir da metade do segundo bloco, é convidada a participar do programa juntamente com MV Bill. Deve-se considerar que a presença da segunda convidada reconfigura a cena interativa. O primeiro plano da interação passa a ser ocupado pela apresentadora e seus convidados e as perguntas são, em alguns momentos, feitas para os dois simultaneamente. Como é o caso da pergunta que se segue:

Entrevistadora: 704 o Jail- o Jailson da ong Observatório de favelas, ele cita
705 vários lugares da classe alta do Rio de Janeiro, onde é
706 impossível você ver um menino com um fuzil na mão. e cita
707 vários outros onde: é comum essa imagem e a sociedade...já
708 se acostumou com isso. vocês acham que a sociedade tá
709 insensível...pra tudo isso?

A pergunta da apresentadora é feita após a exibição de um vídeo contendo depoimentos de especialistas, policiais e cidadãos vítimas da violência. O Sr. Jailson a quem a entrevistadora se refere é um dos especialistas que fala sobre as questões da violência na sociedade contemporânea. O vídeo é exibido logo após a entrada da deputada Marina Maggesi em cena.

Talvez pelo fato da deputada ter ocupado um grande turno respondendo à pergunta anterior que foi feita diretamente para ela pela entrevistadora logo após a exibição do filme, é MV Bill quem se voluntaria primeiro para responder a essa segunda pergunta.

MV Bill: 723 gostaria de fechar em cima da fala da da da... da Marina, que
724 eu nunca tive oportunidade de dizer isso pra ela, logo após a
725 no- a exibição do documentário na televisão, que acho que
726 foi no dia seguante, saiu no jornal O Globo, uma declaração
727 sua...que passou a me norrear...esse ano inteiro...em muitas
728 palestras que eu fiz pelo Brasil inteiro, eu terminei com a
729 com a sua frase, que eu acho que é uma frase muito
730 emblemática porque vem de você uma policial que: já foi:
731 muito: muito- já botou muito medo dentro da Cidade de
732 Deus, inclusive ni mim, quando eu era pequeno também.

- Marina Maggesi: 733 [(risos)
- MV Bill: 734 [era muito
735 conhecida como Katy Marrone já falei.
- Marina Maggesi: 736 ele já foi pequeno. ele já foi pequeno. (risos)
- MV Bill: 737 e: mas, assim- é- é muito bom...ver, assim, é: essas suas
738 falas atuais. ver o que te tro- te trouxe pra política, e o seu
739 fechamento. quando: acabou de passar o fal- o Falcão...eu
740 senti, assim, que muitos jornalistas queria ir em cima de
741 você...pra criar justamente o conflito, e a gente ficar preso
742 num- no que você saiu. >bandido, polícia, bandido, polícia<
743 e você deu uma declaração que foi muito feliz e muito
744 sensacional. você disse que vo- falou dos seus anos de
745 polícia, e você disse que...tá cansada...de fazer esse trabalho.
746 e que a solução não é mais...matar o bandido...mas impedir
747 que ele nasça...e isso: passou a ser...a minha corrente, porque
748 é...é isso que a gente tem feito a todo momento.

Neste trecho MV Bill conta mais uma estória referente à sua experiência pessoal para ilustrar um ponto de vista e, por conta disso, o pronome eu predomina no jogo das alternâncias pronominais identificadas no nível textual. Porém, é interessante observar que as duas ocorrências da expressão ‘a gente’ (linhas 741 e 748) estão relacionadas a diferentes composições do plural de pessoa. Na primeira ocorrência (linha 741), MV Bill está se referindo a ele e à deputada. Já na segunda ocorrência (linha 748), o ‘a gente’ se assemelha aos casos anteriores nos quais MV Bill parece estar trazendo para sua fala seus companheiros de equipe, aqueles que atuam com ele nos projetos sociais dos quais participa etc.

Chamo especial atenção para a primeira ocorrência do plural de pessoa (a gente – linha 741) pelo fato de, neste momento de sua narrativa, o uso do ‘a gente’ proporcionar uma aproximação especial entre MV Bill e a então policial Marina Maggesi no contexto dos conflitos sociais retratados na estória contada por MV Bill. Essa aproximação, materializada no uso da expressão a gente, tem o efeito de aproximar MV Bill da posição de autoridade em relação ao assunto e, ao mesmo tempo, de colocá-lo ao lado do poder de coerção do Estado, atenuando as acusações de sua associação com o tráfico e de apologia ao crime que tem recebido por alguns segmentos da sociedade

No nível das práticas discursivas, a primeira ocorrência do ‘a gente’ referindo-se àquele que fala e ao seu interlocutor direto (linha 741), acontece neste

momento da interação como consequência de uma articulação do enquadre de entrevista com o enquadre de conversa informal, observada especificamente a partir da linha 724 quando MV Bill diz ‘eu nunca tive oportunidade de dizer isso a ela’ e passa a interagir diretamente com a deputada se alinhando a ela como seu interlocutor direto em uma conversa informal. Essa articulação de enquadres fica marcada nos enunciados ‘uma declaração sua’ (linhas 726-727); ‘com a sua frase’ (linha 729); ‘vem de você, uma policial’ (linha 730). Os risos e a fala de MV Bill comparando a deputada federal com a personagem fictícia de série policial americana ‘Kate Marrone’ (linhas 734-735) sugerem um enquadre de brincadeira, apontando para a articulação de um terceiro enquadre na interação. Dessa forma, é possível observar o jogo dinâmico de articulação entre os enquadres de entrevista, conversa informal e brincadeira que implicam necessariamente em uma dinâmica de alinhamentos entre os interlocutores que se alinham como conhecidos trocando elogios em uma conversa informal; compartilhando momentos de descontração e brincadeira e também como participantes de um programa televisivo de entrevista, mantendo o alinhamento de entrevistados em relação à entrevistadora.

Ao interagir com os demais interlocutores (entrevistadora, auditório etc.) tecendo um comentário sobre MV Bill em sua fala ‘ele já foi pequeno, ele já foi pequeno’ (linha 736), a deputada Marina Maggesi realça o macro-enquadre de entrevista ainda articulado com o enquadre de brincadeira. Os alinhamentos da deputada são, assim, de amiga em conversa informal com MV Bill, de entrevistada em programa televisivo com a entrevistadora, com o auditório, considerando-se ainda que, esses dois alinhamentos distintos compartilham o mesmo enquadre de brincadeira.

O enquadre de conversa informal em articulação com o enquadre de entrevista pode também ser identificado, quando MV Bill passa a interagir com a deputada Marina Maggesi (linha 737). Essa articulação de enquadres se mantém até o fim do turno de MV Bill, conforme é possível observar em enunciados como ‘essas suas palavras atuais (linhas 737-738); ‘ver o que te trouxe para a política’ (linha 738); ‘o seu fechamento’ (linhas 738-739); ‘muitos jornalistas queria ir em cima de você’ (740-741); ‘no que você saiu’ (linha 742); ‘você deu uma declaração’ (linha 743) ‘você...falou de seus anos de polícia’ (linhas 744-745); ‘você disse que ta cansada de fazer esse trabalho’ (linha 745).

Esta intrincada articulação de enquadres está diretamente relacionada à forma como a narrativa é produzida nesta passagem que ora analiso. É preciso considerar, ainda, que o início de uma narração sinaliza que há mais um enquadre se articulando aos demais. Dessa forma, a expressão ‘logo após a exibição do documentário na televisão’ (linhas 724-725) marca o início de uma seqüência de acontecimentos que se sucedem cronologicamente. Um aspecto interessante dessa narrativa é que, além de extensas avaliações entre uma ação e outra, ela é interrompida no momento em que a interação é enquadrada como brincadeira (linhas 733-736) e é retomada exatamente de onde ocorreu a interrupção. MV Bill faz essa retomada do enquadre narrativo repetindo o relato feito anteriormente (linha 739), para, em seguida, apresentar a ação complicadora (linhas 740-742) e caminhar para o desfecho da narrativa.

A estória contada por MV Bill neste trecho da interação diz respeito à polêmica entre repreensão e educação como medidas preventivas à violência abordada em uma resposta dada pela deputada Marina Maggesi a jornalistas quando foi procurada para opinar sobre a exibição do documentário ‘Falcão, meninos do tráfico’. A ação complicadora da estória é a atitude dos jornalistas que, segundo MV Bill, tentaram criar uma zona de conflito entre a deputada, na época ainda atuando como chefe da polícia civil do Rio de Janeiro, e os responsáveis pelo documentário, MV Bill, seus parceiros e a equipe de produção - acusados de apologia ao crime. A idéia era colocar ‘polícia’ contra ‘bandido’ nas manchetes dos jornais.

No nível das práticas sociais, a força de resistência da narrativa de MV Bill não está, desta vez, na consciência de que seus próprios atos desafiavam uma ordem estabelecida e buscavam ultrapassar os limites de um mecanismo de controle social, mas sim na consciência da quebra de expectativa presente na reação da então policial Marina Maggesi que, ao entender o propósito da ação dos jornalistas, recusa-se a entrar no conflito e, de certa forma, apóia o trabalho do documentário afirmando que a ação policial está errada. É neste momento que surge a frase de Marina Maggesi que passou a fazer parte do discurso de MV Bill: ‘a solução não é mais matar bandido, mas impedir que ele nasça’ (linhas 746-747).

A forma como os atos são relatados e as avaliações feitas ao longo da narrativa colocam em destaque alguns traços identitários de MV Bill que merecem ser observados. Ao relatar ter dado atenção ao que foi falado por Marina Maggesi na mídia e em seguida tomar para si as palavras dela, que era a chefe da polícia civil do Rio de Janeiro na época em que estava sendo acusado de apologia ao crime, MV Bill se constrói como alguém humilde, disposto a dialogar e a aprender mesmo com aqueles que, em um primeiro momento, podem parecer estar em lado oposto ao seu. MV Bill apresenta, nesse momento, um novo aspecto de sua personalidade que será também explorado no processo de construção de sua identidade social. Ao contrário da maioria dos *rappers* que se associam a uma imagem de rebeldia, transgressão e, muitas vezes, violência, MV Bill busca construir uma imagem de exceção à regra. Tanto como *rapper* quanto como ‘preto, pobre e favelado’, MV Bill se esforça para demonstrar que quebrou as expectativas: não entrou para o tráfico, não cometeu crimes, não é violento e é totalmente acessível ao diálogo. Essa contradição entre as ideias naturalizadas do que é ser favelado e do que é ser *rapper* e a imagem construída por MV Bill através da Mídia é ponto polêmico explorado tanto pelos que o admiram quanto pelos que criticam e afirmam não acreditar nessa imagem do bom moço que luta pelos excluídos.

4.2 – Um por todos e todos por um

As narrativas, argumentos e opiniões que aparecem nos dados que serão analisados nesta seção estão diretamente relacionados com o ideário que habita a fala de MV Bill durante toda sua participação no programa. As estratégias argumentativas de MV Bill se desenrolam a partir de um chamamento a uma ação individual e/ou coletiva é constante. A iniciativa particular ou coletiva é prioritária, embora a cobrança ao poder público apareça de forma expressiva, o destaque é mesmo a conscientização de que a mobilização civil deve ser uma bandeira erguida por cada cidadão.

Sendo este um tema tão recorrente na fala de MV Bill, escolhi as passagens com narrativa em que MV Bill relata as ações mais concretas de sua prática como agente social. Portanto, as três narrativas que analisarei nesta seção

tratam, respectivamente, da história da fundação da Central Única das Favelas (CUFA), do encontro entre MV Bill e o Presidente da República logo após o lançamento do documentário ‘Falcão, meninos do tráfico’ e do posterior encontro entre MV Bill e os Ministros de Estado, respectivamente.

4.2.1 – A CUFA e sua história

A trecho da interação que passarei a analisar é produzido a partir de uma pergunta da entrevistadora em que ela pede que MV Bill explique o projeto social realizado pela CUFA. Na formulação de sua pergunta, a entrevistadora faz referência a dois temas bastante recorrentes nas falas de MV Bill, pedindo um posicionamento em relação aos mesmos. A entrevistadora traz, assim, para a pauta de discussão a relação de MV Bill com uma mídia comercial, considerada campeã na corrida pelo lucro, pouco alternativa e bastante questionada quanto ao trabalho social que diz realizar, representada aqui pela Rede Globo. Além desse tema, a entrevistadora abre espaço para que MV Bill explique esse movimento de não mais esperar, mas começar a agir por iniciativa própria pela transformação social.

Entrevistadora: 171 mas você e a Cufa não tão mais esperando...que o estado
172 tome conta, e traga as...as...soluções, né? o que que é a Cufa,
173 que o Brasil passou a conhecer da marquinha do plim plim
174 da Globo agora, né? então, explica pra gente o que que
175 é...que trabalho é esse.

É interessante considerar que, ao iniciar seu turno com uma afirmação, a entrevistadora articula um enquadre de ‘conversa informal’ como o enquadre de ‘entrevista’ e alinha-se a MV Bill e assumindo como positiva a ação individual e coletiva (você e a CUFA – linha 171) em situações caracterizadas pela ausência do poder público na solução dos problemas sociais. O enquadre de ‘entrevista’ é marcado com o que parece ser o início de uma pergunta (o que é a CUFA – linha 172), porém a configuração dos enquadres novamente se modifica com o comentário (linhas 173-174) sobre a relação da CUFA (bem como de MV Bill) com a mídia, feito em tom irônico marcado na expressão em diminutivo ‘marquinha’ e ‘plim plim’ (linha 173).

No nível textual, a observação da alternância pronominal na resposta dada por MV Bill a esta pergunta é particularmente interessante por apresentar outros usos dos pronomes ‘eu’, ‘nós’ e da expressão ‘a gente’, enriquecendo a compreensão dos efeitos discursivos dessa alternância que busco trazer para este estudo.

MV Bill: 176 [ô só...a Cufa...ela
 177 surgiu...acho que de: de forma que veio pra:...ser a nossa
 178 contrapartida dentro desse assunto. mas acho que vale a
 179 pena...frisar que: a gente não faz,...através da Cufa,...por
 180 obrigação, mas por sentimento. por- achar que essa é uma
 181 iniciativa...que além de tá fazendo com que outros
 182 reproduzam ela, em outras cidades, outros lugares, e até
 183 mesmo lá na nossa cidade, é duma forma pequena, que a
 184 gente tá mostrando pras outras pessoas de que com pouco
 185 dinheiro...uma iniciativa...somente, mas com pouco
 186 dinheiro...pode-se salvar muitas vidas. inicialmente começou
 187 só...Celso e eu...lá na Cidade de Deus, fazendo com dinheiro
 188 do próprio bolso, e:...eh...num tínhamos...patrocínio, nem
 189 apoiadores. quando a gente chegava nos lugares, pra pedir
 190 apoio, pra uma ação da Cufa, dentro da Cidade de Deus,
 191 falando de favela. difícilmente as empresas queriam ligar o
 192 seu dinheiro a esse tipo de realidade. a gente teve que pegar
 193 do nosso próprio bolso e fazer, sem ficar...esperando, como
 194 você muito bem frisou. esperando uma força de cima, uma
 195 força do lado...fazer por nós. depois que a gente conseguiu...
 196 montar o projeto, conseguimos os primeiros apoios...é: do
 197 governo municipal do Rio de Janeiro, hoje também já existe
 198 uma negociação com o governo do estado, com o governo
 199 federal, isso deu visibilidade ao nosso projeto, e fez com que
 200 outras empresas, com que empresas privadas, perdessem o
 201 MEdo... porque existe um mito do medo...de fazer...o
 202 dinheiro chegar na mão dessas pessoas, do favelado...como
 203 eles não têm uma cultura de pegar no dinheiro, acho que eles
 204 acham que a gente vai pegar no dinheiro, vai fazer
 205 churrasco, vai...terminar a laje de casa...então, quando a
 206 gente é respaldado pelo: pelos governos, pelos poderes, a
 207 gente acaba mostrando pras pessoas...que a gente também
 208 tem condições de fazer esses projetos, de gerir, de
 209 gerenciar...e que não precisamos de intermediários pra poder
 210 receber esses recursos.

No nível textual, MV Bill dá preferência ao ‘nós’ ou ao ‘a gente’ quando se trata de falar sobre os projetos sociais com os quais está envolvido e com suas parcerias. Diante disso, nesta passagem de sua fala poucas são as ocorrências do ‘eu’, já que aqui ela trata diretamente de como a CUFA surgiu e de como os projetos sociais propostos por essa entidade vêm se desenvolvendo. A única ocorrência do ‘eu’ encontra-se na linha 187, mas como está associado ao nome de

Celso (Celso Athayde, parceiro de MV Bill na fundação da CUFA), o efeito produzido é de ‘nós’.

Vale à pena, porém, dar atenção para as ocorrências do ‘eu’ marcado nas expressões iniciadas por ‘acho’. Com base em Bramley (2001), interpreto que expressões como ‘eu acho’, ‘eu penso que’, são usadas pelo entrevistado para dar sua opinião sobre determinado assunto, posicionando-se de acordo ou em desacordo com outras opiniões, ou para provocar um efeito de distanciamento em relação ao que está sendo debatido por uma série de razões como, por exemplo, não querer demonstrar conhecimento absoluto ou não querer se comprometer por não estar seguro ou por não ter uma opinião definida.

A primeira ocorrência da expressão ‘acho’ (linhas 177) chama atenção pelo efeito de dúvida provocado quando MV Bill está se referindo às razões para a fundação da CUFA. Considerando-se sua participação direta na fundação desse projeto social, ‘achar’ que a CUFA surgiu como uma contrapartida à falta de políticas públicas voltadas para os problemas sociais aos quais ela se dedica, parece enfraquecer a omissão do poder público como razão do surgimento dessa iniciativa particular de ação social. A dúvida produzida na fala de MV Bill funciona, assim, como uma estratégia para denunciar evitando, porém, um confronto direto – uma forma de denúncia indireta.

A segunda ocorrência da expressão ‘acho’ corrobora com esta análise. Embora a colocação ‘mas acho que vale a pena frisar’ (linha 178-179) produza também um efeito de dúvida, a dicotomia entre ‘sentimento’ e ‘obrigação’ (linha 180) expõe o conflito entre iniciativas particulares (com base no sentimento) e as iniciativas oficiais (por obrigação) ao mesmo tempo em que, pelo efeito da dúvida, MV Bill evita o comprometimento direto com a afirmação de que, pela falta do cumprimento da ‘obrigação’, a CUFA, através do ‘sentimento’, surgiu como uma tentativa de solução para as conseqüências da ausência da iniciativa oficial.

Na terceira ocorrência da expressão ‘acho’ (linha 203), como nas anteriores, MV Bill parece querer evitar o comprometimento com as razões que fazem com que empresários tenham investido em projetos sociais propostos pela iniciativa particular de certos indivíduos. O efeito de dúvida na fala de MV Bill marcada na expressão, ‘acho que eles acham que a gente vai pegar no dinheiro,

vai fazer churrasco, vai terminar a laje de casa' (linhas 203-205) não descarta, porém, a hipótese apresentada como uma explicação para a dificuldade de conseguir apoio a esses projetos junto à classe empresarial.

Por sua vez, a predominância do uso do 'nós' e do 'a gente' neste trecho que ora analiso está relacionada à associação de MV Bill com a CUFA, o que produz um efeito de co-responsabilidade no que diz respeito às ações e aos projetos desenvolvidos por essa instituição social. Ao mesmo tempo, o uso dessas expressões atribui uma co-autoria em relação ao que está sendo falado sobre essa instituição. Dessa forma, MV Bill compartilha as opiniões e ações que apresenta, não pela exclusão de si mesmo, mas por dividir a responsabilidade e a autoria das mesmas com os demais integrantes desse grupo social que é a CUFA.

O uso das expressões 'nós' e 'a gente', bem como sua marcação em verbos e possessivos, da linha (188-199) referem-se à associação de MV Bill com Celso Athayde no processo de fundação da CUFA. Neste contexto, essas expressões dão conta de que a história da fundação da CUFA não pertence apenas a MV Bill, mas pertence também a Celso Athayde que se torna co-autor dela, co-responsável pelas ações, decisões e opiniões apresentadas e também prova viva da veracidade do que está sendo relatado, maximizando, assim, a força do que é dito.

Da linha 204 a 209, um terceiro tipo de ocorrência do 'nós' marcado em verbos e do 'a gente' sinalizam a associação de MV Bill com um outro grupo social. Dessa vez MV Bill está se associando aos favelados, especificamente aos moradores da Cidade de Deus, comunidade em que MV Bill nasceu, foi criado, onde vive até hoje e onde está localizada a sede da CUFA.

Dessa forma, ao se associar aos favelados, moradores da periferia, em 'a gente vai pegar no dinheiro, vai fazer churrasco, vai terminar a laje de casa' (linhas 204-205), MV Bill dá destaque a esse seu traço identitário e torna-se também vítima do preconceito que, segundo ele, dificulta a captação de recursos junto à classe empresarial para a implantação de programas sociais. Ao inserir-se no grupo dos favelados, dos que 'não têm uma cultura de pegar no dinheiro' (linha 203), ele mesmo passa a ser um exemplo de que tal preconceito não se justifica, pois como ele já demonstrou em suas ações e através dos projetos sociais da CUFA, os moradores de favelas 'também têm condições de fazer esses

projetos, de gerir, de gerenciar e (não precisam) de intermediários para poder receber esses recursos’ (linhas 207-210).

As alternâncias pronominais aqui analisadas sinalizam a dinâmica na estrutura de participação no nível das práticas discursivas. Diferentes papéis são assumidos por MV Bill no formato de produção da interação. Ao responder à pergunta formulada pela entrevistadora trazendo a CUFA para a cena interativa, MV Bill deixa de ser apenas autor do que fala e assume o papel de responsável como um dos fundadores da instituição social da qual faz parte. Sua identidade de líder ganha destaque e ele se constrói como um indivíduo autorizado pelo seu grupo a falar por todos que dele fazem parte.

MV Bill assume novamente o papel de responsável ao falar pelos favelados (linhas 204-210). É interessante observar como esse processo se dá na interação, pois, a princípio, MV Bill fala dos favelados referindo-se a eles na terceira pessoa: ‘dessas pessoas’ (linha 202); eles (linha 203), posicionando-se apenas como autor do que fala. A partir da linha 204, quando MV Bill se refere aos favelados como ‘a gente’, ele assume o papel de responsável e se inclui como membro desse grupo social, passando a falar não só deles, mas como um deles.

A formulação de um pedido de explicação de como a CUFA surgiu na fala da entrevistadora, ‘então, explica pra gente o que que é, que trabalho é esse’ (linhas 174-175), abre espaço para a articulação do enquadre de entrevista com o enquadre narrativo, na medida em que MV Bill passa a contar a história de como ele e seu amigo Celso deram início ao que hoje é a CUFA. A partir dessa articulação de enquadres, MV Bill passa a se alinhar também como narrador. Sobre esse tipo de dinâmica de enquadres Goffman afirma que: “uma história completa requer que o falante se retire durante a narração, do alinhamento que manteria na troca comum da conversa e, por esse período de narração, mantenha um outro footing, o de narrador” (Goffman, 2002, p.143)

Esta dinâmica na articulação de enquadres pode ser observada no momento em que MV Bill faz referência à colocação inicial da entrevistadora na expressão ‘como você bem frisou’ (linhas 193-194) e, dessa forma, demonstra que ao mesmo tempo está alinhado como entrevistado, voltando, em seguida, a dar destaque ao enquadre narrativo e ao alinhamento de narrador.

Os diferentes alinhamentos assumidos por MV Bill no curso da interação sinalizam algumas estratégias de negociação para a ocupação do espaço midiático no nível das práticas sociais. Por assumir o papel de responsável quando fala do não-cumprimento das obrigações por parte das políticas públicas, MV Bill protege sua auto-imagem doando sua voz a uma coletividade e evita, assim, um conflito direto com a instância governamental. É preciso considerar que o governo, através de seu parlamento, é a instituição mantenedora do espaço midiático em que a interação se situa.

Ao mesmo tempo, ao se construir como líder e autor de iniciativas transformadoras em nossa sociedade, MV Bill contribui para o objetivo principal do programa que é aproximar os jovens da política, o que ele faz através do seu próprio exemplo de vida e do relato de suas ações pessoais. MV Bill procura, dessa forma, mobilizar estratégias discursivas que lhe permitam ocupar o espaço midiático e nele permanecer, sem abrir mão de seu discurso de denúncia, resistência e contestação.

Ao falar primeiro pelos favelados e depois como favelado (linhas 202-210), alternando os papéis de autor e responsável no formato de produção da interação, MV Bill também parece estar usando o espaço midiático como campo de negociação. Denuncia o preconceito da classe empresarial aos favelados, mas se posiciona fora do estereótipo de favelado que gera esse preconceito (ele não sofre preconceito por parte da classe empresarial) e atribui ao governo a responsabilidade pela falta de confiança por parte dos empresários (se houver respaldo do governo a classe empresarial investirá seus recursos – linhas 199-201).

Além disso, é preciso considerar que, em outro contexto, MV Bill é contratado, apoiado e financiado pela classe empresarial, bem como escolhido para emprestar sua imagem ao lançamento e à divulgação de uma série de produtos no mercado. Parece, assim, que para proteger sua relação com o meio empresarial e garantir seus investimentos e o desenvolvimento de sua carreira artística, MV Bill lança mão de uma estratégia de aproximação e distanciamento dos grupos sociais envolvidos nos fatos relatados materializando esses movimentos nas alternâncias pronominais e nas escolhas lexicais referentes aos pronomes. O sujeito falante protagoniza, assim, uma luta consigo mesmo na

tentativa de conciliar tantos feixes identitários que muitas vezes precisam conviver apesar de tão contraditórios.

É interessante observar também que MV Bill em nenhum momento se refere diretamente à colocação da entrevistadora a respeito da divulgação da CUFA na Rede Globo (linhas 173-174). No entanto, ao falar sobre a reprodução das iniciativas inauguradas pelos projetos da CUFA, tanto na Cidade de Deus em que sua sede se localiza como ‘em outras cidades, outros lugares’ (linha 183), ele parece estar se referindo aos efeitos positivos da divulgação dessas iniciativas. Falar dos efeitos positivos da divulgação de ações sociais sem se referir especificamente a nenhum meio particular de divulgá-las, embora a TV Globo tenha sido direta e ironicamente citada, pode também ser considerada como uma estratégia de negociação da ocupação do espaço midiático.

Analisando especificamente a narrativa, é possível observar uma sequência de eventos que se inicia com a palavra ‘inicialmente’ (linha 186). A sequência está ordenada cronologicamente, ocorrendo uma apropriação de fatos e personagens do passado. Os fatos e personagens estão relacionados uns aos outros, por exemplo, ‘o início com recursos próprios’ (linhas 187-189) com ‘a montagem do projeto’ (linhas 195-196); ‘os apoios das instâncias governamentais conseguidos a partir do projeto’ (linhas 196-199); ‘a visibilidade que esses apoios deram aos projetos’ (linha 199) e ‘o apoio que as empresas privadas começam a dar aos projetos a partir dessa visibilidade’.

O ponto ou ‘normatividade’ da narrativa, Edwick e Silbey (2003), tem sua origem na necessidade de argumentar a colocação anterior de MV Bill de que é preciso reagir à inércia do poder público em relação às mazelas que afligem os menos favorecidos: é preciso que, mesmo por iniciativa própria, uma ‘contrapartida’ (linha 178) seja apresentada. A narrativa surge, assim, encaixada nessa argumentação como um relato pessoal de uma forma de tomar iniciativa diante de uma situação de impotência pelo não-cumprimento das obrigações do Estado no que diz respeito às questões de ordem social.

A partir do ponto da estória narrada, MV Bill reitera sua crença de que é preciso mobilizar-se individual ou coletivamente e não apenas ficar esperando ‘uma força de cima, uma força do lado, fazer por nós’ (linha 195). Ao apresentar

tal crença nesse modo de agir, MV Bill se constrói como um exemplo de como proceder a partir dessa crença à medida que conta a sua estória.

Ao apresentar as dificuldades enfrentadas para viabilizar seus projetos, MV Bill explora as dimensões de ‘capacidade’, ‘limitação e ‘espaço’ para apresentar formas de enfrentamento dos limites e possibilidades de agenciamento nas estruturas sociais.

Tirar dinheiro do próprio bolso (linhas 187-188) é uma demonstração de capacidade de agenciamento, ao mesmo tempo em que destaca o sacrifício pessoal como um traço identitário seu e de seu parceiro. Por outro lado, a dimensão espacial é explorada como um limite para esse agenciamento quando MV Bill expõe a dificuldade de conseguir apoio de empresas por pertencer a um espaço topográfico da sociedade destinado às classes menos favorecidas – as favelas, a periferia (linhas 189-192).

Os motivos apresentados por MV Bill para que os empresários não quisessem ‘ligar o seu dinheiro a esse tipo de realidade’ (linhas 191-192) sinalizam a crença no preconceito em relação aos moradores desses lugares, construindo não apenas a identidade de MV Bill como favelado, mas também a da classe empresarial enquanto grupo social. A questão do preconceito aos moradores das favelas ressurge quando MV Bill faz referência ao ‘mito do medo’ (linha 201) e a partir daí expõe o que, segundo ele, a classe empresarial pensa sobre essas pessoas (linhas 202-205), momento em que MV Bill alterna entre o distanciamento e a aproximação em relação ao seu pertencimento ao grupo social vítima do preconceito.

Nascido e ainda residindo na Cidade de Deus, esta contradição na construção de sua identidade de favelado parece ter como base a relação desse grupo social com as classes dominantes, no caso, a classe empresarial. MV Bill se distancia da imagem que a classe empresarial faz do favelado e não do favelado, por isso só se incluir como membro do grupo quando passa a destacar os resultados positivos já alcançados pelas comunidades de periferia e por indivíduos que nelas moram, dos quais ele é um exemplo (linhas 206-210).

A resolução para os limites enfrentados para a capacidade de agenciamento nas estruturas sociais vem, por incrível que pareça, com os apoios recebidos das instâncias governamentais (governos municipal, estadual e federal –

linhas 197-199), após a montagem do projeto que passa a dar visibilidade ao mesmo e faz com que a classe empresarial, antes tomada pelo preconceito, passe a confiar na iniciativa proposta (linhas 195-199).

Vale destacar que, ao citar a importância do respaldo do poder público às ações sociais da sociedade civil como garantia para que a classe empresarial invista recurso nessas ações, ao mesmo tempo em que se constrói como líder, como membro de um grupo que planeja e gerencia ações social e como favelado – por isso conhecedor da realidade de comunidades carentes – MV Bill, simultaneamente, cobra e reconhece a importância do apoio das instituições do governo.

A categoria de ‘rompimento de hierarquia’ parece adequada para compreendermos o aspecto de resistência presente nesta narrativa de MV Bill. Desobedecendo a uma ordem de estrutura de poder estabelecida, MV Bill e seu parceiro passam a exercer um papel que seria do Estado, buscando formas de enfrentar as consequências da ausência de políticas públicas em sua comunidade. Sabe-se que é papel do cidadão cobrar seus direitos, bem como lutar para que os direitos da coletividade sejam contemplados. Os protagonistas dessa estória quebram esse protocolo e, assim, expõem ainda mais a ineficiência do poder público, assumindo para si a tarefa destinada a órgãos e instituições governamentais.

4.2.2 – O curso de audiovisual

A narrativa que chamei de ‘O curso de audiovisual’ surge a partir de uma pergunta que é feita por uma pessoa do auditório que participa da gravação do programa. Danuse é da Fundação Athos Bulcão e trabalha com projetos sociais. Antes de fazer sua pergunta ela faz um longo comentário sobre a importância de dar oportunidade a jovens carentes. Seu comentário foi motivado pela fala de um outro participante do auditório que fez uma pergunta antes dela. Reproduzirei aqui apenas o trecho da pergunta propriamente dita (começo em negrito) para que seja possível a observação do processo de co-construção na resposta dada por MV Bill.,

Espectadora 11: 1420 extremamente importante. e a pergunta é a seguinte. eu:
 1421 lendo os jornais e tudo, vi sobre uma novela da
 1422 Record...que tá passando uma realidade do Rio, e: passa de
 1423 uma forma bem agressiva e tudo. diz que tá mostrando a
 1424 realidade e tudo, como você colocou. atores pegando em
 1425 armas...e eu queria saber assim. qual...a sua opinião...sobre
 1426 essa novela, sobre a forma que a mídia passa?...e: a opinião
 1427 até da própria comunidade, assim, se você tem...visto isso
 1428 repercutir, e qual a opinião da comunidade? porque isso
 1429 me- despertou a minha curiosidade. poxa...se tá passando
 1430 dessa forma, e a comunidade, o que que acha? será que ela
 1431 tá participando disso? será que ela teve- perguntaram pra
 1432 eles se aquilo era realmente a realidade? então, saber a sua
 1433 opinião e a opinião da comunidade, sobre: essa essa- a
 1434 forma que a mídia traz.

Embora um pouco longo, dada a grande introdução feita por MV Bill antes de iniciar a narrativa, reproduzirei abaixo a íntegra da resposta dada por ele por considerar importante para as observação e análises que apresentarei em seguida.

MV Bill: 1435 olha, e:m em especial da novela, eu não tenho opinião
 1436 formada porque eu nunca assisti. (risos) e: em relação, à:
 1437 comunidade, eu também não sei, o que as pessoas tão tão
 1438 tão- tão sentindo em relação à novela, até porque...graças a
 1439 deus a energia- a internet...tá se democratizando, então:, no
 1440 horário da novela tem muitos jovens, como nós, que tão na
 1441 frente do computador, graças a deus. então, tem muita
 1442 gente que num tá nem comentando. novela, big brother, e
 1443 outras coisas, muita gente num tá comentando isso. agora,
 1444 por um outro lado...esse tipo de atitude...que você
 1445 mencionou, de: pessoas:as entrem dentro desses lugares.
 1446 >faz tese de mestrado, faz livro, faz documentário, faz que-
 1447 faz o que quer<...e reportagem...e sem nenhum cuidado,
 1448 com a vida daquelas pessoas e nenhuma
 1449 contrapartida...pr`aquelas pessoas que vão continuar
 1450 vivendo aquela realidade...cotidiana. é: acho que é o
 1451 curso...que eu considero...mais o importante que a gente
 1452 tem dentro da cufa. >tem outras coisas que são muito
 1453 boas<, mas é o que eu mais gosto, é o curso de
 1454 audiovisual...que foi o curso que de- desencadeou a nossa
 1455 vontade...de fazer videoclipe, de fazer documentário, ser
 1456 participativo, dar a nossa opinião...e- trazer o nosso
 1457 olhar...a gente começou a pensar na possibilidade
 1458 de:...fazer com que essa experiência que a gente
 1459 tem...fosse: democratizada com as pessoas da- da
 1460 comunidade. então, montamos um curso de audiovisual...e
 1461 não ficamos fechados no gueto. tipo, “não...só a gente, só
 1462 nós muito”. pelo contrário. fui buscar parcerias. eu não
 1463 entendo nada de cinema, de televisão. acho que- reconheço
 1464 que a importância do auto-retrato é muito grande aqui
 1465 dentro. aí fomos chamar o Cacá Diegues, pra ir lá, pra dar
 1466 aula de: de de- de direção...a esposa dele foi lá- dar aula de-

1467 de produção. Caetano Veloso foi lá pra dar aula de, trilha
 1468 sonora, quer dizer, a gente começou a- a interagir com
 1469 pessoas que lidam com isso profissionalmente, que tem
 1470 acesso, que tem contato com isso. com ISSO...nós
 1471 começamos formar, na Cidade de Deus, hoje em parte do
 1472 Brasil, jovens com a mesma realidade- que a minha...que
 1473 não vão precisar mais ser, co:adjuvantes das suas próprias
 1474 histórias.vão passar a ser...protagonistas e: vão es- contar e
 1475 escrever do jeito que quiserem.

No nível textual, observando a alternância pronominal na fala de MV Bill neste trecho, percebe-se que, no primeiro momento de sua resposta que antecede a narrativa, há a predominância do uso do ‘eu’ marcando as considerações pessoais feitas por ele sobre a questão abordada pela participante do auditório. Porém, chamam atenção as duas ocorrências do plural de pessoa nesse mesmo trecho, ‘nós’ (linha 1440) e ‘a gente’ (linha 1451). Na primeira, o ‘nós’ aparece em uma comparação feita por MV Bill entre os jovens das comunidades carentes e o grupo formado por ele próprio e os demais que se encontram naquele ambiente: ‘a internet tá se democratizando, então, no horário da novela, tem muitos jovens, como nós, que tão na frente do computador’ (linhas 1440-1441). Na segunda ocorrência, apesar de fazer parte do discurso de opinião pessoal de MV Bill, ocorre exatamente quando ele começa a falar sobre os projetos da CUFA, o que coloca esta ocorrência dentro do critério anterior: MV Bill mobiliza os pronomes ‘nós’ e a expressão ‘a gente’ para co-responsabilizar e compartilhar a iniciativa no que diz respeito aos projetos sociais desenvolvidos na comunidade onde mora, especificamente pela CUFA.

Desta primeira ocorrência do ‘a gente’ em diante, há uma reversão da predominância do ‘eu’ para a do ‘a gente’ que se prolonga até o fim da fala do MV Bill, marcando a abordagem sobre os projetos sociais desenvolvidos pela CUFA, em particular o curso de audiovisual.

A ocorrência do pronome ‘nós’ (linha 1440) logo no início da fala de MV Bill marca, no nível das práticas discursivas, articulação do macro-enquadre de entrevista com o enquadre de ‘conversa informal’. Ao chamar todos os presentes para a cena interativa através da comparação que formula, MV Bill dinamiza a estrutura entrevistador(a) / entrevistado(a) que caracteriza o paradigma convencional da entrevista e passa a conversar com todos os presentes sobre a

questão que está sendo abordada, mantendo essa articulação de enquadres até o final de sua fala.

O enquadre de ‘conversa informal’ pode produzir um efeito que parece ser muito interessante para os propósitos do entrevistado. Ao se deslocar do enquadre de entrevista para o enquadre de ‘conversa informal’, MV Bill se afasta da identidade de celebridade convidada para dar entrevista em programa televisivo e se torna mais acessível, uma pessoa comum, um cidadão igual a todos os outros que ali estão: esse parece ser o alinhamento de sua preferência para tratar das questões sociais que estão sendo abordadas.

Outra construção identitária interessante presente na fala de MV Bill que antecede a narrativa é o distanciamento que ele faz de si em relação a ‘certo tipo de pessoa’ que entra nas comunidades de periferia, ‘faz tese de mestrado, faz livro, faz documentário, faz o que quer, faz reportagem sem nenhum cuidado com a vida daquelas pessoas e nenhuma contrapartida pr’aquelas pessoas que vão continuar vivendo aquela realidade cotidiana’ (linhas 1446-1450). A crítica generalizada reforça como positiva a conduta dos que, como ele, conhecem bem a realidade em que atuam e, por isso, sabem como podem contribuir para as transformações que se fazem necessárias. MV Bill se constrói, pois, como um agente social inspirado na máxima que diz: ‘eu não só falo – eu falo porque conheço e porque conheço sei o que faço’. A narrativa que se segue parece ilustrar esse traço identitário realçado por MV Bill em sua fala.

A narrativa que se inicia com a expressão ‘a gente começou a pensar na possibilidade de fazer com que essa experiência que a gente tem fosse democratizada’ (linhas 1457-1459) articula o enquadre ‘narrativo’ ao enquadre de ‘conversa informal’, tendo como pano de fundo o enquadre de ‘entrevista midiática’. Os fatos vão sendo encadeados cronologicamente até a ação complicadora (ou situação complicadora) que se apresenta na necessidade de buscar parcerias por não ter o ‘know-how’ necessário para efetivamente fazer ‘curso de audiovisual’ funcionar, momento da narrativa materializado no enunciado ‘fui buscar parcerias, eu não entendo nada de cinema’ (linhas 1462-1463). A narrativa prossegue apresentando as parcerias estabelecidas e avaliações sobre os efeitos do curso de cinema na vida dos jovens de uma comunidade carente e cercada pela violência.

No nível das práticas sociais, a perspectiva da narrativa de resistência proposta por Edwick e Silbey (2003) abre caminho para a observação da demonstração da capacidade de agenciamento; de driblar os limites impostos pelos mecanismos de controle social na narração das ações implementadas por MV Bill e seus companheiros da CUFA.

Ao falar sobre a facilidade de acesso à internet nas comunidades de periferia, MV Bill lança mão da personificação: ‘ a energia, a internet tá se democratizando’ (linha 1439). Na medida em que se sabe, através da mídia, dos serviços piratas e de como eles funcionam nessas localidades, essa personificação parece negligenciar a existência desses serviços clandestinos, ao mesmo tempo em que deixa de reconhecer os créditos do poder público nesse processo de democratização. Adoto a perspectiva de que os recursos de omissão, apagamentos e destaques estão sendo aqui mobilizados como estratégias e ocupação e permanência no espaço midiático, muitas vezes nos dando a impressão de um jogo de ‘morde-e-assopra’.

Por fim, devo registrar que os relatos de ações de cunho social feitos por MV Bill remetem à categoria de ‘rompimento de hierarquia’ que Edwick e Silbey (2003) propõem como uma desarticulação da organização hierárquica das instituições sociais provocadas por atores sociais que tomam consciência de uma situação de injustiça e de relações de poder assimétricas. Ao se mobilizar para levar projetos sociais às comunidades carentes, MV Bill está ocupando ou incentivando a ocupação de um lugar que deve ser destinado às políticas públicas. Sem impor aqui qualquer juízo de valor e, ao mesmo tempo, reconhecendo a ausência total do Estado em algumas localidades, conforme a proposta das autoras acima citadas, considero o ‘rompimento de hierarquia’ uma estratégia poderosa de transformação social em situações de inércia das políticas públicas e de injustiça.

4.2.3 – Encontrando o Presidente

Neste trecho da interação, a fala de MV Bill é co-construída a partir da pergunta feita por uma participante do auditório que traz como tema central um questionamento sobre a relação das políticas governamentais com a onda de violência que aterroriza os grandes centros urbanos. Em sua pergunta, a

espectadora se refere a um caso recém-acontecido na época, em que uma criança de oito anos foi arrastada pelo cinto de segurança quando bandidos em fuga roubaram o carro da mãe da criança que não conseguiu desvencilhá-la do cinto a tempo. O caso chocou o país e suscitou inúmeros debates pela crueldade com que a criança veio a falecer e também porque os bandidos eram menores e portavam armas de brinquedo. Vale considerar que, momentos antes dessa pergunta, temas como maioridade penal e o papel do Estado diante da violência urbana já estavam sendo debatidos.

Espectadora 4: 767 é: eu sou a Gabriele, do lesb, Instituto...ºde edu-º de
768 educação superior de Brasília. e: eu queria fazer uma
769 pergunta...ºaquiº. é: o que o go- o que parte do governo faz,
770 taí pra todo mundo ver, né? nos noticiários, tal...mas, eu
771 queria saber uma coisa, porque enquanto...o governo faz
772 isso...a: parte da: da população brasileira, fica à margem, da
773 sociedade, fica à margem de toda essa situação. então...é:
774 essa situação leva inclusive, a...a tragédias como a que
775 aconteceu com a criança, de seis anos, essa semana...né? e: o
776 que mais choca, assim, é que...muita gente já não liga mais,
777 já não não se choca com fatos como esse que aconteceu com
778 essa criança...então, eu queria saber, qual é o seu sentimento,
779 MV Bill...é: em relação ao governo, e se essa situação ainda
780 é...ainda tem como ser é:...ainda é...isso. ainda tem como
781 se:r,

MVBill: 782 [revertida?

Espectadora 4: 783 revertida.

Seguindo um formato recorrente nos trecho que até aqui analisamos, a resposta de MV Bill é formulada em uma longa argumentação sobre questões gerais da pergunta (insensibilidade da sociedade em relação à violência, origens da violência etc), seguida por abordagem da questão central (políticas públicas e violência). A narrativa surge encaixada nessa argumentação, ilustrando o ponto de vista defendido.

MV Bill: 784 olha, é: eu acho que: a vida, de uma forma geral, acho que ta
785 banalizada. e: casos, como esse que você citou, tem
786 acontecido em vários lugares, como eu já falei também...e
787 num ganhou visibilidade. o fato é que vi- falta...muitas
788 políticas públicas nesses lugares. é: como a demanda é muito
789 grande, falta vontade política, >não dá pra generalizar, que
790 eu não gosto de generalizar pra também<...que eu não gosto
791 que façam isso comigo. mas existe:m
792 pouquíssimos...políticos, na minha opinião, que têm seus

793 mandatos voltados de verdade pra essas questões. Questões
 794 mais emergenciais. então...a gente tem que cobrar...dos
 795 governos, dos políticos, federal, municipal, estadual...porque
 796 é obrigação deles é fazer isso. >quando o político faz isso ne
 797 que ele é um cara bonzinho, que ele é legal pra caramba< é
 798 obrigação...infelizmente >quem faz acaba sendo destacado
 799 porque tem muitos outros que não fazem<...eu acho que tem
 800 que cobrar sim...mas o principal é cobrar, também sendo
 801 participativo. logo após a exibição do documentário a gente
 802 teve...aqui em Brasília, pra entregar pro presidente é: uma
 803 cópia do do documentário e uma cópia do livro...e vir pra
 804 cobrar, num foi pra tirar foto. “presidente, o senhor tá
 805 fazendo alguma coisa? o documentário acabou de mostrar
 806 que a gente precisa fazer muito mais”. então, eu num vim só
 807 pra cobrar, eu vim pra me botar a disposição, também.
 808 eu...toda a Cufa, pra no que a gente puder ser participativo, a
 809 gente tá presente. então, é: cobrar, mas cobrar...fazendo. e se
 810 aliar àqueles que têm seus mandatos voltados pra isso e que
 811 tão a fim de fazer uma política séria.

Observando o emprego dos pronomes no nível textual, pode-se perceber que o discurso é marcado do uso do ‘eu’ (linha 784 a linha 793), sofre a primeira alternância pronominal com o primeiro ‘a gente’ que aparece na linha 794, sinalizando uma aproximação entre MV Bill e todos os interlocutores possível (nós todos, cidadãos, povo brasileiro) convocados à ação política na cobrança a autoridades de todas as esferas por medidas efetivas voltadas para as questões debatidas. O uso do ‘eu’ é retomado na linha 799 para expor a opinião de que, além de cobrar, é preciso participar.

Na linha 801 tem início um relato de fatos e o ‘a gente’ aparece referindo-se a MV Bill e seus parceiros no documentário e no filme. Na linha 806 ‘a gente’ provoca o efeito de associação entre o presidente Lula, MV Bill e todos os cidadãos brasileiros. Nas outras duas ocorrências finais, temos o ‘a gente’ (linhas 808 e 809) para identificar MV Bill e a equipe da CUFA. A variada significação do uso da expressão ‘a gente’ parece sinalizar, nesse trecho, a necessidade de aproximação e distanciamento de diferentes indivíduos e grupos sociais que se fazem necessárias a partir de cada situação ou idéia apresentada.

Dessa forma, no nível das práticas discursivas, estas alternâncias pronominais e usos diferenciados da expressão ‘a gente’ apontam para um dinamismo particularmente interessante dos papéis desempenhados por MV Bill no formato de produção da interação. A alternância do ‘eu’ pelo ‘a gente’ na linha 794 marca uma expansão da responsabilidade pelo o que é falado – não sou só

‘eu’ que falo que preciso fazer as cobranças, essa é uma obrigação de todos ‘nós’. Da mesma forma, ao relatar o diálogo com o presidente, o uso do ‘a gente’ na linha 806 sinaliza uma associação por co-responsabilidade entre os pares colocados em cena neste momento da interação (MV Bill, o presidente, a CUFA, os políticos, o povo brasileiro).

Esta dinâmica no formato de produção em um processo de expansão e co-responsabilização pelo o que está sendo falado parece funcionar como uma estratégia de atenuação do ato de cobrar na medida em que o que está sendo cobrado é considerado também como uma responsabilidade de quem fala – temos que cobrar, temos que fazer, temos que estar presentes.

Estas estratégias de atenuação contribuem para a construção de uma auto-imagem de MV Bill associada à ponderação, a tolerância e à participação sem destituí-lo do tom denunciativo. Nesse sentido, é bastante ilustrativa a passagem em que, com base no dito popular ‘não faças aos outros o que não queres que façam a ti’, MV Bill afirma que ‘eu não gosto de generalizar...que eu não gosto que façam isso comigo’ (linhas 790-791).

Dessa forma, MV Bill atenua a denúncia que acabou de fazer de que faltam vontade política e políticas públicas (linhas 787-789) para lidar com a questão da violência. Procedendo dessa maneira, MV Bill denuncia sem se indispor com as autoridades para as quais direciona as suas cobranças e denúncias e, assim, vai tecendo a fina teia que, como fios elásticos, permite a ele ora se apresentar em lado oposto e ora lado a lado de certos grupos e indivíduos nesses sutis movimentos de aproximação e distanciamento; exclusão e inclusão de si mesmo materializados em sua fala.

No nível das práticas discursivas, o enquadre de ‘entrevista’ é articulado com um enquadre narrativo na marcação de tempo materializada em ‘logo após a exibição do documentário’ (linha 801), anunciando, assim, o relato de fatos que se seguirá.

O ponto da narrativa (linha 801-811) está diretamente relacionado com a argumentação desenvolvida até o início do relato da estória, ou seja, a necessidade de cobrança e participação por parte de todos. Dessa forma, MV Bill relata sua vinda a Brasília para entregar o documentário e o livro ‘Falcão, meninos do tráfico’ para o presidente, enfatizando que foi encontrá-lo para fazer cobranças –

‘e vir para cobrar, num foi pra tirar foto’ (linhas 803-804). Nessa sua forma de narrar os fatos, MV Bill se constrói como alguém consciente de seu papel de agente social e que, mesmo diante do homem mais poderoso da nação, não esquece o seu compromisso com a realidade por ele retratada nas letras de suas músicas, no livro e no documentário dos quais é co-autor. Ao mesmo tempo, MV Bill traz no relato de sua estória um exemplo pessoal de cobrança e participação, o que fortalece os argumentos que vem desenvolvendo.

Nesta narrativa, chama atenção também o discurso direto usado por MV Bill como recurso narrativo para relatar o seu encontro com o presidente (804-809). Tal recurso produz um efeito de projeção da cena relatada tornando-a virtualmente mais próxima no tempo e no espaço em relação a quem narra, bem como a seus interlocutores. Da mesma forma, o encontro com o presidente, algo raro e só possível para poucos, relatado assim parece algo cotidiano como encontrar um amigo na esquina.

Diante disso, no nível das práticas sociais, essa narrativa é particularmente produtiva para a observação dos conceitos de capacidade e limite. O encontro com o presidente é uma estória que orienta o processo de construção identitária de MV Bill, ilustrando a trajetória do menino pobre, negro e favelado que através da arte, do conhecimento e da iniciativa pessoal se tornou uma referência como transformador social, um especialista autor de livros e documentário e, por fim, alguém que tem acesso a maior autoridade do país a quem faz cobranças e oferece ajuda.

4.2.4 – A reunião com os Ministros

A narrativa que chamo de ‘a reunião com os Ministros’ é uma complementação à narrativa anteriormente analisada. Ela é produzida em uma resposta dada por MV Bill a uma pergunta que é feita pela entrevistadora logo após a finalização da narrativa do ‘encontro com o presidente’.

Entrevistadora: 812 e depois? o que aconteceu? depois dessa reunião que o
813 presidente Lula te recebeu com onze ministros, eles
814 prometeram criar projetos pra juventude da periferia?
815 alguma coisa foi feita? alguma coisa saiu do papel?

A pergunta da entrevistadora sinaliza sua avaliação de que a fala anterior de MV Bill não foi completa. Algo deixou de ser contado na estória que foi relatada. Diante disso, a entrevistadora faz com MV Bill o que ele tanto pediu que fosse feito: cobra. Afinal, ter a oportunidade de se reunir com o Presidente da República e com onze de seus ministros tem que resultar em algo significativo. O relato desse resultado esperado parece ser o que ficou faltando na estória contada por MV Bill, reforçando, assim, o chamamento a uma ação coletiva defendida por ele durante toda a sua fala.

MV Bill: 816 bom, a gente, nessa primeira reunião, ele...delegou uma
817 reunião com...os ministros...e nessa reunião, a gente fez,
818 mais ou menos, o que a gente tá fazendo aqui...deixamos
819 que: os ministros fizessem perguntas, pra mim e pra
820 Celso...e nós respondemos todas as perguntas, de quais
821 foram as dificuldades e: depois, de um certo momento, >a
822 gente parou de responder, e começamos a cobrar<. “precisa
823 fazer isso, isso e isso”. a área de educação, é uma área que a
824 gente acha mais carente...a gente entende...esse tipo de
825 de...invasão, no bom sentido, uma forma de combater a
826 violência...mas combatendo d’uma d’uma forma, mas sem
827 levar mais violência pra esses lugares, e a gente fica a
828 disposição pra...servir de de de de de: interlocutor. dessa
829 relação, pra faci- de facilitador, dessa relação e indicamos
830 muitas outras organizações, ligadas a nós ou não...que tão
831 trabalhando dessa mesma forma no Brasil inteiro. alguns
832 avanços já aconteceram, como os pontos de cultura, é: a
833 expansão do próuni, projovem, novos projetos que surgiram
834 de outras parcerias, independente com as minhas, mas
835 sempre que eu encontro com alguém do governo federal,
836 inclusive com o próprio presidente, digo “presidente, sei que
837 tá sendo...muitas coisas tão sendo trabalhadas, mas tem que
838 fazer mais”. então, a nossa cobrança é incansável...e a nossa
839 participação também.

No nível textual, alternâncias pronominais não ocorrem como nos demais trechos anteriormente analisados. A predominância do ‘a gente’ e do ‘nós’ neste trecho chama atenção, pois aqui o uso dessas expressões se torna específico. MV Bill deixa claro a quem essas expressões estão se referindo na linha 819 (pra mim e pra Celso). O único uso do ‘eu’, na linha 835, também é bastante curioso, pois, ao contrário do que aconteceu até aqui, MV Bill singulariza o ato de cobrar que até então era compartilhado por ‘todos nós’, ‘nós da CUFA’, ‘eu e Celso’ e toma para si individualmente a responsabilidade quando diz: ‘mas sempre que eu

encontro com alguém do governo federal, inclusive com o próprio presidente, digo “presidente, sei que muitas coisas estão sendo trabalhadas, mas tem que fazer mais “” (linhas 834-838).

Em todas as análises anteriores, observamos que o enquadre narrativo se articulava com o macro-enquadre de entrevista após um significativo trecho de considerações e argumentações desenvolvido por MV Bill para apresentar seu ponto de vista referente ao tema discutido. Neste trecho, diferente dos demais, MV Bill inicia sua fala (re)iniciando um relato de experiência, articulando, assim, o enquadre de entrevista com o enquadre narrativo que se mantêm assim articulados até o fim do turno de MV Bill.

A partir da observação das alternâncias pronominais, é possível perceber que, no nível das práticas discursivas, MV Bill assume o papel de ‘responsável’ logo no início de sua fala com a expressão ‘a gente’ (linha 816) para sinalizar que está se posicionando como ‘principal’ / ‘responsável’ por uma estória que é sua e do Celso Athayde (pra mim e pra Celso – linhas 819-820). O formato de participação é novamente modificado com o uso do ‘eu’ na linha 835 com MV Bill dando maior realce ao papel de ‘autor’, para novamente dar destaque ao papel de ‘responsável’ a partir da linha 838 com a expressão ‘nossa’ relacionada às ações dele e de Celso Athayde e, indiretamente, às da CUFA.

Embora muito semelhante à anterior por estar relatando fatos que sucedem o que foi relatado anteriormente e por se apropriar dos mesmos personagens, a diferença entre as duas narrativas está no ‘ponto da estória’ que aqui não é mais a necessidade de cobrança e participação, mas sim os resultados alcançados com o encontro com o presidente e a reunião com os ministros. É interessante perceber que a motivação para que essa estória seja contada tem uma relação direta com a pergunta da entrevistadora, o que sinaliza o caráter co-constutivo da interação, bem como a articulação de enquadres no jogo interativo – o macro-enquadre da entrevista (pergunta da entrevistadora) abrindo espaço para a articulação com o enquadre narrativo (a estória que MV Bill passa a contar).

Alguns sinais de transcrição parecem apontar certo desconforto ou surpresa de MV Bill em relação à pergunta da entrevistadora. Percebe-se em sua fala um número maior de excitações, pausas e repetições que entendo como uma reação ao fato de estar sendo esperado que ele fale sobre algo que,

estrategicamente, evitou falar – as ações concretas do governo no sentido de atender às demandas apresentadas por ele e seus companheiros durante o encontro em Brasília.

A questão parece estar no fato de que a resposta à pergunta da entrevistadora não pode dar a impressão de que os resultados foram alcançados de forma absolutamente satisfatória, o que poderia significar a existência de uma aliança com o governo, enfraquecendo, conseqüentemente, o argumento da cobrança participativa, já que o governo estaria fazendo a sua parte. Ao mesmo tempo, é preciso apresentar alguns resultados sem os quais esse encontro seria em vão, bem como todo o trabalho de denúncia e reivindicação que o próprio MV Bill vem realizando e que, provavelmente, resultou no convite para que ele fosse encontrar o presidente e seus ministros.

MV Bill inicia seu turno relatando o encontro dele e do Celso com os Ministros, destacando ao momento em que eles pararam de responder às perguntas dos Ministros e passaram a cobrar, o que aparece na transcrição marcado pelo aumento no ritmo da fala – ‘ a gente parou de responder e começamos a cobrar’ (linha 822).

Em seguida a narrativa se concentra na importância da participação, relatando o fato de terem se colocado à disposição como parceiros do governo nas iniciativas relacionadas à implantação de projetos sociais.

Somente a partir da linha 832 MV Bill fala de alguns projetos sociais do governo que, dado ao contexto interativo, dão a impressão de estarem diretamente relacionados com o fato de ele e seus companheiros terem ido à Brasília e que, aparecem na fala de MV Bill personalizados e sem autoria como se fossem ‘avanços’ que ‘aconteceram’ espontaneamente (linhas 832-834).

O que poderia ser o final da narrativa, repentinamente deixa de ser com a complementação feita a partir da conjunção ‘mas’ (linha 834) que realça o enquadre narrativo para relatar um acontecimento retratado como cotidiano, bastante comum na vida de MV Bill, ‘mas sempre que eu encontro com alguém do governo federal, inclusive com o próprio presidente, digo’ (linhas 835-836). Em seguida, usando novamente o recurso do discurso direto, MV Bill produz um efeito de proximidade, de atmosfera íntima e fraterna com o presidente e se

constrói como alguém que pode, mesmo em encontros públicos, fazer cobranças ao presidente (linhas 836-838).

MV Bill finaliza a sua fala retomando os temas que deram origem a seus argumentos e à narrativa neles encaixada em sua fala anterior - cobrança e participação, e sem fazer qualquer menção às questões levantadas pela entrevistadora - resultados já alcançados com sua cobrança, sua participação em sua privilegiada posição de acesso às maiores autoridades do país.

Na perspectiva da resistência, observo, no nível das práticas sociais, que tanto essa como a narrativa anterior contribuem de forma importante para oportunizar outros possíveis movimentos individuais ou coletivos de transformação social, na medida em que são exemplos de ações concretas de agenciamento e negociação de limites nas estruturas sociais, o que, no mínimo, encoraja outros indivíduos a ações semelhantes ou inspiradas nas que foram relatadas.

Entendo as omissões e formas de falar aqui analisadas como estratégias de negociação de auto-imagem e de espaço na mídia que implicam em saber manter o tom denunciativo, às vezes até combativo, sem ultrapassar os limites aceitáveis da ‘hostilidade razoável’, Tracy (2003), o que poderia levar à perda dos espaços já conquistados.

4.3 - Preto, pobre e favelado

Nesta seção, analisarei duas narrativas encaixadas em opiniões e argumentos na fala de MV Bill que tratam do preconceito. O tema é polêmico e aparece no discurso de MV Bill como gerador de grande parte das mazelas que afligem a sociedade atualmente.

A célebre frase ‘deixei de ser do movimento negro, passei a ser um preto em movimento’ repetida por ele tantas vezes em suas aparições públicas já dá pistas da posição inusitada defendida por MV Bill em relação ao preconceito racial.

As narrativas que analisarei nesta seção têm a característica de não atenderem aos padrões do modelo laboviano e por serem consideradas ‘narrativas breves ou curtas’ a partir da perspectiva desenvolvida por Bamberg e

Georgakopoulou (2008). As primeiras duas narrativas, contidas no trecho que intitulei ‘O olhar de quem está de dentro’, tratam da diferença entre o olhar de quem mora nas comunidades e o olhar de quem vive fora desse espaço quando lançado sobre aqueles cidadãos envolvidos com o tráfico e com a marginalidade. Já a terceira narrativa trata do preconceito que faz com que certos cidadãos permanecem silenciados e mantidos à margem em nossa sociedade.

4.3.1 – O olhar de quem está de dentro

A fala de MV Bill que analisarei nesta seção foi produzida a partir da pergunta feita por um componente do auditório interessando em saber quais são as bases da relação de MV Bill, seus parceiros e equipe de trabalho com os traficantes das comunidades em que realiza seus projetos artísticos e sociais (CUFA, documentário, gravação de videoclipe etc).

Espectador 3: 318 meu nome é Daniel, eu sou estudante da universidade de
 319 Brasília, boa tarde. gostaria de saber...se rola...um boicote
 320 da: dos militantes do tráfico, como é que eles apóiam...ou se
 321 eles são contra: as realizações do projeto?

É interessante observar na pergunta do espectador, a escolha lexical feita para fazer referência aos traficantes, a quem chama de ‘militantes do tráfico’ (linha 320). ‘Militante’ é, em geral, uma palavra usada como referência a indivíduos que se reúnem em torno de uma ideologia, geralmente de natureza contra-hegemônica, e que, a partir de uma organização formal, passam a praticar ações concretas no sentido de divulgar suas ideias e, assim, conseguir conquistar o maior número de adeptos possíveis a proposta que defendem. Associar tal conceito aos traficantes é, no mínimo, curioso, podendo, de alguma forma, produzir efeito na resposta que vem em seguida.

MV Bill: 322 olha, na verdade não existe apoio. isso não existe. é: existe
 323 um respeito. que a gente também uh, sempre, desde do início
 324 a gente fez questão...de conviver, mas não ser conivente. de
 325 saber separar...essa linha, eu sou contra o tráfico de drogas,
 326 não contra os traficantes. porque eu convivo lá, VEjo...a vida
 327 deles...muitos de- >hoje nem tem tantos<, mas alguns
 328 **estudaram comigo, porque os que estudaram comigo, a**
 329 **maioria já morreu.** aí são... garotos que eu vi, alguns até
 330 nascer, que eu encontro quando tô comprando pão,

331 cumprimento na rua, outro já foi: meu irmão de leite, porque
 332 >minha mãe amamentou ele quando era pequeno a mãe dele
 333 teve um proble- sabe, essas coisas assim<. como o
 334 OLHAR...da comunidade para com essas pessoas, é um
 335 olhar diferente de quem tá de fora. >mas isso não quer dizer
 336 que as pessoas que moram dentro das comunidades são a
 337 favor do tráfico, que apóiam, que respeitam. é: mas há...
 338 uma relação, como eu diria: que eu compararia com a do
 339 exército brasileiro... assim, eles não são, não representam a
 340 maioria da população, mas por conta das armas, pode-se ter
 341 o domínio do país. é o que acontece nesses lugares...às vezes
 342 um...às vezes menos de um por cento apenas de uma
 343 comunidade é envolvida com tráfico, mas esses jovens têm
 344 ARmas...tão eles acabam dominando toda... uma
 345 comunidade que não consegue lutar contra eles. que às vezes
 346 perde a força por conta disso. de ter visto pequeno, de
 347 saber...que é uma realidade muito próxima deles.

O turno de MV Bill começa com o uso de ‘a gente’ (linhas 323 e 324) fazendo referência a ele e a seus parceiros em projetos como, por exemplo, a filmagem do documentário. Da linha 325 em diante, o ‘a gente’ é alternado pelo ‘eu’ singularizando as ações e individualizando as opiniões e argumentos apresentados.

Esta alternância do uso do ‘a gente’ para o uso do ‘eu’ observada no nível textual marca, no nível das práticas discursivas, a dinâmica dos papéis do falante no formato de produção da interação. Ao falar sobre a forma como se dá a relação com o tráfico de drogas para que seja possível a realização de projetos sociais e filmagem dentro das comunidades, MV Bill assume o papel de ‘responsável’ e traz a voz de todos os envolvidos nesses projetos para se co-responsabilizarem com o que está sendo falado, como quando diz: ‘a gente fez questão de conviver, mas não ser conivente’ (linha 324). A partir da linha 325, o uso do ‘eu’ marca o destaque dado ao papel de ‘autor’ e, assim, MV Bill passa a se responsabilizar individualmente pelo que diz e conta.

Da mesma forma como é interessante considerar a escolha lexical feita pelo espectador para se referir aos traficantes em sua pergunta, é também interessante observar o jogo de palavras feito por MV Bill para falar do mesmo assunto. A frase ‘eu sou contra o tráfico de drogas, não contra os traficantes’ é também bastante curiosa, pois, apesar do efeito impactante, um olhar mais demorado e atento revela sua natureza retórica. Afinal, quem faz o tráfico senão os traficantes? Se assim é, como ser contra o tráfico e não ser contra os

traficantes? E se MV Bill não é contra os traficantes, então ele é a favor deles? E ser a favor dos traficantes não é ser, conseqüentemente, a favor do tráfico? – apenas um labirinto de questionamentos que faço, no intuito de demonstrar que as estratégias de negociação e convencimento na mídia estão, às vezes, em lugares quase imperceptíveis, mas não menos importantes.

É quando começa a justificar sua opinião em relação ao tráfico que o enquadre narrativo se articula com o enquadre de entrevista. De fato, neste trecho da fala de MV Bill que chamei de ‘O olhar que vem de dentro’, identifico duas narrativas que breves e não-canônicas.

Na primeira (linhas 326-329) MV Bill ordena os seguintes eventos: (i) ter estudado com alguns dos que hoje estão no tráfico; (ii) a morte prematura de muitos deles com conseqüência do envolvimento com o tráfico. Na segunda narrativa (linhas 329-333) os eventos ordenados são: (i) a mãe de uma criança ter problemas; (ii) a mãe do MV Bill ter que amamentar essa criança. Essa segunda narrativa se distancia ainda mais do paradigma convencional, pois os eventos são ordenados de forma inversa. MV Bill primeiro fala do fato da mãe ter amamentado a criança pra, em seguida, falar do problema que a mãe da criança enfrentava e que a impediram de amamentar o filho.

As duas narrativas surgem encaixadas na argumentação apresentada a partir da colocação de como se dá a relação de MV Bill com o tráfico, e servem ao propósito de defender e justificar a relação dele e da comunidade com os traficantes – ‘um olhar diferente de quem tá de fora’ (linhas 334-335).

Chamo atenção para o recurso da comparação mobilizado por MV Bill para defender seus argumentos sobre o tema tratado. Ao comparar as forças armadas com o tráfico no sentido do domínio que o tráfico exerce sobre a comunidade em que atua (linhas 338-345), MV Bill não especifica em que situação o exército exerceria um domínio semelhante sobre a população do país, tornando a comparação confusa e deixando sua interpretação em aberto, o que é arriscado quando se compara coisas tão díspares.

Analisando o nível das práticas sociais na perspectiva da resistência, observa-se que, ao contar essas histórias de como a violência e a pobreza sempre estiveram tão próximas dele, MV Bill reforça sua capacidade de agenciamento, contrariando todas as previsões que pudessem ter sido feitas sobre o seu futuro.

Diferente de muitos dos que estudaram com ele, dos seus irmãos de leite, dos meninos que ele encontrava na padaria ou com quem jogava bola no campinho, MV Bill demonstrou ter a capacidade de driblar o destino (capacidade de ultrapassar e negociar limites na rede de tramas do tecido social) e consegue fazer de sua própria estória uma de suas estratégias mais poderosas para circular nas esferas de poder, e a mídia é uma delas.

4.3.2 – Ghost: a sombra da invisibilidade

A pergunta que produz a fala de MV Bill que analiso nesta seção é a primeira a ser feita pela entrevistadora no segundo bloco do programa.

Entrevistadora: 396 Bill, o que deseja, um menino, que vira um soldado do
397 tráfico?

A pergunta parece estar diretamente relacionada à música ‘Soldado do morro’, apresentada por MV Bill no começo deste segundo bloco. A letra da música retrata a vida de meninos que ‘trabalham’ para o tráfico de drogas vigiando a comunidade para alertar os ‘companheiros’ acerca de qualquer movimento estranho na área: polícia, estranhos ou invasão de grupos rivais. Os ‘soldados do morro’ andam armados e devem estar sempre preparados para matar ou morrer.

MV Bill: 398 olha, é: esse desejo ele é...ele é variado, mas é: em muitos
399 casos...o que eu consegui perceber...que o desejo era uma
400 coisa simples...só... ser visto. somente isso. tem até uma
401 teoria, no livro, no Cabeça de Porco, do Eduardo Soares,
402 uma teoria que eu me identifico muito, na qual eu me
403 identifico muito por conta da minha infância...que é a do
404 jovem...que não consegue ser en- ser enxergado socialmente.
405 **as pessoas passam por esse jovem**... principalmente na zona
406 sul, lá do Rio de Janeiro, como se fosse aquele filme Ghost,
407 do outro lado da vida. **passa por dentro da pessoa, sem**
408 **perceber**. e esse moleque, ele acaba emergindo dessa sombra
409 de invisibilidade, **quando ele mete a mão arma. cria um**
410 **sentimento, só que é um sentimento negativo de medo...em**
411 **nós mas cria um sentimento que passa a ser visível**. então,
412 com esses trabalhos, sociais, que acontecem dentro desses
413 lugares, acho que são formas...de dar visibilidade a esse
414 jovem, sem que ele pegue numa arma. numa câmara de
415 vídeo, por exemplo, seria melhor.

No nível textual, ao observar a alternância pronominal neste trecho, constatamos que ela só ocorre uma vez. MV Bill fala sobre a questão apresentada na pergunta utilizando argumentos que têm como base a sua estória de vida. O ‘nós’ aparece na linha 411, referindo-se a todos, inclusive o próprio MV Bill, que vivem amedrontados pela violência; que se sentem vulneráveis ao ver, seja através na mídia ou nas ruas (isso não é difícil em cidades como o Rio de Janeiro), jovens de treze a quinze anos com armas em punho prontos para matar ou morrer.

Ao alternar o ‘eu’ pelo ‘nós’, MV Bill articula, no nível das práticas discursivas, o papel de autor com o de responsável, passando a falar por todos os que vivenciam esse sentimento de medo diante da violência urbana e, ao mesmo tempo, se alinha com essas pessoas dando a impressão de compreensão dos dois lados: do menino que, como ele, passa a infância à sombra; à margem do que deveria ser acessível a todos na sociedade, mas também dos que estão no meio da linha de tiro – o cidadão comum, trabalhador, classe média.

Em sua argumentação, na tentativa de explicar a sedução que o tráfico exerce sobre meninos que moram nas comunidades carentes da periferia, MV Bill usa o conceito de ‘visibilidade’. O uso desse conceito reforça sua argumentação com a informação de que esse conceito foi cunhado por ele da obra ‘Cabeça de porco’ de autoria de Eduardo Soares, antropólogo e cientista político.

A articulação do enquadre de ‘entrevista’ com o enquadre narrativo tem início na linha 405 quando surge uma ordenação de dois eventos: (i) as pessoas passam por esse jovem sem perceber (linha 405); (ii) esse jovem mete a mão na arma (linha 409) e (iii) cria um sentimento de medo em nós (linha 411).

No nível das práticas sociais, observa-se que, ao fazer da invisibilidade dos jovens pobres da periferia o ponto de sua narrativa, MV Bill traz para o debate temas como a alienação das classes sociais privilegiadas, o preconceito e as desigualdades profundas que caracterizam o atual modelo de organização da nossa sociedade. A ação complicadora surge quando esse jovem ‘mete a mão na arma’. Como no filme ‘Ghost’ em que o protagonista vive a agonia de, após morrer, não mais poder se comunicar com sua amada até descobrir formas de se fazer percebido, também esse jovem vive a agonia da invisibilidade social que só se finda quando a arma em punho, tal qual a moeda que desliza sozinha pela parede

no filme ‘Ghost, faz dele o protagonista de sua própria vida mesmo que em um cenário de violência e medo.

Na perspectiva da resistência, MV Bill dá demonstrações de agentividade ao finalizar o seu turno apontando os trabalhos sociais desenvolvidos nas comunidades de periferia como forma de dar visibilidade a esses jovens por um caminho oposto à violência. Ao mencionar a ‘câmara de vídeo’ (linhas 414-415) como elemento de substituição às armas, MV Bill parece estar se referindo ao curso de audiovisual implantado pela CUFA na Cidade de Deus – um exemplo concreto de como ele e seus companheiros fundadores da CUFA estão agindo diante de problemas sociais emergenciais como o que está sendo discutido neste trecho da interação.

Agir na busca de soluções para questões tratadas não só demonstra agentividade e incentiva seus interlocutores no sentido de se mobilizarem e de se sentirem capazes para fazê-lo, mas, ao mesmo tempo, consiste em uma denúncia da ausência de iniciativa dos que têm obrigação de buscar tais soluções e apresentá-las em forma de ações concretas. A agentividade se conecta, assim, com o que Edwick e Silbey (2003) descrevem como ‘rompimento de hierarquia’ na medida em que cidadãos comuns (MV Bill; a CUFA) mais do que reivindicar pelos direitos coletivos, passam a ocupar a lacuna deixada pelo poder público.

Dessa forma, aqui, como em outros momentos já analisados, esta demonstração de capacidade de ação articulada como o ‘rompimento de hierarquia’ funcionam, no discurso de MV Bill, como estratégia produtiva de negociação no espaço midiático, conciliando de maneira bastante refinada o tom denunciativo e a apresentação de projetos sociais dos quais participa com performances artísticas.